UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

ALYNE BARCELOS DARABAS

DESENCANTAMENTO DO CASAMENTO: SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO SOBRE OS MOTIVOS DA SEPARAÇÃO CONJUGAL

Palhoça

2009

ALYNE BARCELOS DARABAS

DESENCANTAMENTO DO CASAMENTO: SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO SOBRE OS MOTIVOS DA SEPARAÇÃO CONJUGAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.
Área de concentração: Psicologia e Saúde
Linha de pesquisa: Institucionalização e processos psicológicos.

Orientadora: Professora Deise Maria do Nascimento, Msc

Palhoça

2009

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que ilumina cada dia da minha vida.

Aos meus pais Orly e Beth, que sempre me incentivaram e me proporcionaram a conclusão dessa trajetória. Amo muito vocês, muito obrigada por todo amor, carinho e credibilidade que vocês dedicaram a mim durante toda minha vida. Ao meu amado irmão Leonardo, que com a sua ótima habilidade na área de informática me auxiliou no desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu marido Fabrício, que teve paciência e compreensão diante do stress e ansiedade ocasionados pelo desenvolvimento desse trabalho. Muito obrigada por sempre acreditar no meu potencial e no meu futuro profissional. Te amo muito!

A minha querida avó Nair, por compreender os meus momentos de ausência devido ao imenso tempo dedicado a este estudo.

À Professora Deise, pela dedicação, paciência e compreensão que fizeram toda a diferença na execução dessa pesquisa, iluminando meus caminhos nessa jornada. Muito obrigada professora, por apresentar sempre o olhar e a palavra certa como conforto diante da ansiedade e da angústia vivenciados ao longo deste ultimo ano.

À Professora Regina, ao professor Leandro, por muitos ensinamentos transmitidos, pela amizade e dedicação que vocês sempre nos proporcionaram.

Á minha amada amiga, irmã Flávia, que nesses anos de graduação sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, se tornando uma pessoa indispensável em minha vida.

Obrigada a todos que de uma forma ou outra tornaram esse trabalho possível.

RESUMO

As literaturas a respeito do tema separação explicitam diferentes motivos que contribuem para o fim do vínculo conjugal. Esses motivos constituintes dessa ruptura são diferentes em cada momento histórico, isso por que não fazem parte da constituição natural do ser humano e sim do contexto e época que cada sujeito está vivenciando. Portanto esse estudo visa compreender os sentidos atribuídos pelas pessoas em relação a este assunto na contemporaneidade. Esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa exploratória e qualitativa com delineamento de um estudo de campo. Os dados obtidos nessa pesquisa foram realizados por meio de entrevistas semi-estruturadas aplicadas em três homens e três mulheres requerentes em um Serviço de Mediação Familiar. A análise de dados foi realizada mediante o método de Spink (2004) que é a produção dos sentidos, onde por meio das práticas discursivas os sujeitos constroem os significados das vivências cotidianas. A técnica utilizada foi o mapa de associação de idéias, possibilitando assim uma melhor visibilidade desses sentidos construídos. O termo sentido ao qual nos referimos, está atrelado a uma construção social que se desenvolve nas relações humanas por meio das práticas discursivas dos sujeitos, constituindo assim, a compreensão do mundo em que vivemos. Como o objetivo neste trabalho é compreender os sentidos que homens e mulheres atribuem aos motivos que desencadearam o fim do vínculo conjugal, se faz necessário entendermos o sentido atribuído ao casamento e a separação para estes sujeitos, visto que todos estão interligados e o significado de casamento está diretamente vinculado com os motivos da separação. O significado de casamento se constitui de acordo com a história e vivência de cada sujeito, constituindo assim um modelo de união a ser vivenciado, esse ideal no cotidiano do casal pode não ser concretizado, afastando-se do modelo de casamento idealizado, se transformando em frustrações e gerando na maioria das vezes o rompimento conjugal. Esse foi o caso dos sujeitos participantes dessa pesquisa, pois os resultados obtidos demonstram que para os participantes os principais motivos que contribuíram para o rompimento conjugal estão interligados a não concretização do que os sujeitos almejavam no ideal que construíram de casamento. Os motivos produzidos pelos participantes são os seguintes: Falta de confiança, situação financeira, falta de diálogo e objetivos diferentes. Os sentidos produzidos sobre os motivos da ruptura conjugal têm relação ao contexto e a história de cada um dos sujeitos.

Palavras chave: Casamento. Separação. Motivos. Sentido.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Correspondente a identificação dos participantes da pesquisa

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO..... 8

1.1 TEMA..... 9

1.2 PROBLEMÁTICA..... 9

1.3 OBJETIVOS 12

1.3.1 Objetivos Geral..... 12

1.3.2 Objetivos Específicos..... 12

1.4. JUSTIFICATIVA..... 13

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 17

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CASAMENTO..... 17

2.1.2 Conjugalidade..... 20

2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL..... 23

2.2.1 Separação Judicial e Divórcio..... 25

2.3 ESTUDOS DE GÊNERO..... 27

2.4 PRODUÇÃO DE SENTIDO NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS COTIDIANAS..... 31

3 MÉTODO..... 34

3.1 TIPO DE PESQUISA..... 34

3.2 POPULAÇÃO/ AMOSTRA..... 34

3.3 COLETA E INSTRUMENTO DE DADOS..... 35

3.4 ANÁLISE DOS DADOS 36

3.5 DEVOLUTIVA..... 37

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... 38

4.1 SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO CASAMENTO PARA HOMENS E MULHERES..... 43

4.1.1 Sentido de casamento atribuído ao diálogo..... 43

4.1.1 Sentido de casamento atribuído a indissolubilidade..... 45

4.1.3 Sentido de casamento atribuído a objetivos em comum..... 47

4.1.4 Sentido de casamento atribuído ao companheirismo..... 48

4.1.5 Sentido de casamento atribuído à confiança..... 50

4.1.6 Sentido de casamento atribuído à família..... 53

4.2 IDENTIFICAR OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A SEPARAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES..... 57

4.2.1 Sentido atribuído a separação como sofrimento..... 57

4.2.2 Sentido atribuído a separação como crescimento pessoal e/ou profissional..... 59

4.3 IDENTIFICAR OS MOTIVOS ATRIBUÍDOS A SEPARAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES..... 65

4.3.1 Sentido atribuído a falta de confiança como motivo da separação..... 65

4.3.2 Sentido atribuído a objetivos diferentes como motivo da separação..... 66

4.3.3 Sentido atribuído a situação financeira como motivo da separação..... 68

4.3.3 Sentido atribuído a falta de diálogo como motivo da separação..... 71

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 73

REFERÊNCIAS..... 79

APÊNDICES..... 85

ANEXOS..... 89

1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa surgiu da experiência no Estágio Curricular Obrigatório, vinculado ao Núcleo da Saúde do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Estágio este realizado em um Serviço de Mediação Familiar de um Fórum de Justiça.

Objetiva-se com esta pesquisa compreender quais os sentidos produzidos a respeito dos motivos da separação conjugal em um serviço de mediação familiar. Para tanto, caracteriza-se como uma pesquisa de caráter qualitativo e de natureza exploratória com delineamento de um estudo de campo, a qual foi realizada com seis pessoas, três homens e três mulheres requerentes no serviço de mediação familiar.

Primeiramente, pensamos em pesquisar sobre a separação, o porquê do aumento significativo no número de separações na contemporaneidade, no entanto ao nos depararmos com a literatura chamou atenção os diferentes motivos da separação conjugal em cada época. Na literatura foi possível encontrar muitas transformações históricas, sociais e econômicas que aconteceram na sociedade e, conseqüentemente contribuíram para o aumento e os diferentes aspectos motivacionais que designam a este fim. Um desses acontecimentos foi à independência feminina, que segundo Carter e Mcgoldrick (1995), a mulher passou a ampliar radicalmente seus papéis sociais, como exercer uma profissão e se dedicar ao trabalho fora do lar, interferindo assim no ciclo de vida familiar tradicional. A mulher independente financeiramente na sociedade moderna não tende a permanecer em um relacionamento infeliz, porque não mais depende financeiramente do marido. O homem passa a não ser mais o único provedor financeiro familiar (MORI e COELHO, 2004, p.178). Outro acontecimento importante foi o advento da Lei do Divórcio em 1977, pois a facilidade da dissolução da conjugalidade interferiu na tomada de decisão quando um relacionamento conjugal não é satisfatório para um ou ambos os cônjuges.

Nesta pesquisa explanaremos essas transformações sociais ocorridas e como elas refletem nos relacionamentos da nossa época, ao mesmo tempo identificando nos sujeitos que vivenciaram o processo de ruptura conjugal, os sentidos construídos no cotidiano sobre os diferentes motivos que levam ao fim o matrimônio na contemporaneidade. Salienta-se, que estes sentidos conforme Spink (2004) são

construídos histórica e culturalmente, significando que a época e o contexto no qual os sujeitos estão inseridos tende a determinar os sentidos que eles constroem.

1.1 TEMA

O desencantamento do casamento: sentidos produzidos no cotidiano sobre os motivos da separação conjugal.

1.2 PROBLEMÁTICA

Na maioria das vezes, o fim do relacionamento conjugal é vivenciado como um conflito na vida familiar. Esta ruptura provoca ainda que momentaneamente uma desestruturação nos membros pertencentes a esta família, fazendo com que estes reformulem seus papéis perante a sociedade. A separação na contemporaneidade é algo que parece ocorrer com mais freqüência que no passado, isso devido às transformações sociais, políticas, econômicas e jurídicas que tem ocorrido nos últimos anos (FERREIRA, 2004). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovam este aumento significativo, onde no período de 1991 a 2002, os casos de separações no Brasil apresentaram um aumento de 30,7%, em relação ao número de divórcios concedidos durante este mesmo período, foi possível identificar um aumento de 59,6% nos casos.

Para Jablonski (1998), as transformações culturais, sociais, econômicas e jurídicas podem de certa forma estar relacionadas ao aumento significativo do divórcio na contemporaneidade. Em relação a essas mudanças ocorridas podemos citar a independência feminina, onde a mulher passou a contribuir com seu trabalho fora de casa para o aumento da renda familiar, tendo assim sua emancipação. A mulher independente financeiramente não fica vulnerável a continuar em uma relação que não seja de certa forma satisfatória para ela e para a família existente. Outra transformação que ocorreu e que de certa forma contribui para que as pessoas insatisfeitas no relacionamento conjugal passem a optar com mais freqüência pela separação foi à modificação, a reforma das leis do divórcio. Até o ano de 1977 o divórcio era realizado

de acordo com o Direito Canônico, a dissolução da união consistia na separação de corpos, sem romper assim o vínculo conjugal. A separação só era permitida se houvesse casos de "adultério, injúria, abandono de domicílio conjugal por dois anos consecutivos e concordância de ambos sobre o fim do relacionamento conjugal, onde estes deveriam ter mantido uma relação matrimonial por mais de dois anos" (VAINER, 1999, p.68). Com o advento da lei do divórcio (Lei 6.515/77), o casamento passa a não ser mais indissolúvel, possibilitando aos cônjuges a opção da separação quando estes não estão vivenciando um relacionamento satisfatório para um ou ambos ou quando surgem incompatibilidades que dificultam e impossibilitam a convivência comum (PIZZOLO; TENFEN, 2004, p.99).

Juridicamente na sociedade moderna, existem duas formas para oficializar a dissolução do casamento, uma delas é a separação judicial, onde para Vainer (1999), não consiste no rompimento do vínculo conjugal, conseqüentemente os cônjuges não poderão enquanto separados judicialmente iniciar um novo matrimônio. No entanto por meio da justiça passam a não ter mais que cumprir deveres matrimoniais como o de fidelidade recíproca e coabitação. A outra forma de dissolução da relação conjugal seria por meio do divórcio, onde "além de terminar a sociedade conjugal, provoca o desfazimento do vínculo, o que irá permitir um novo matrimônio" (CAHALI, 1995, p. 78). Para a obtenção do divórcio os cônjuges têm de ter obtido a separação judicial por no mínimo um ano ou caso já estejam separados por mais de dois anos estes poderão obter o divórcio direto (PEDRONI, 2005, p.98).

Para Cahali (1991), quando pensamos em relação conjugal, imaginamos uma relação para a vida inteira, no entanto em virtude de alguns defeitos ou contratempos que existem antes ou durante o casamento e na impossibilidade de mudanças corrigíveis, a relação conjugal acaba por declinar-se efetivamente.

O nascimento do primeiro filho, a morte de um filho, a diferença de classe social, infidelidade, inexistência de amor pelo cônjuge, brigas freqüentes, intromissão da família, são fatores que contribuem para levar ao fim conjugal (ABUCHAIM, 2007, p.58).

Levinger (1966) realizou uma pesquisa nos Estados Unidos com 600 pessoas que passaram pelo fim da relação conjugal, todas pertencentes à classe econômica social baixa e média e de ambos os sexos. No relato das esposas que entraram no processo de divórcio, pode-se perceber que as principais queixas eram: "abuso físico, problemas financeiros, alcoolismo, negligência do lar e dos filhos e

crueldade mental". Em relação aos homens que tiveram participação nesta pesquisa foi possível observar algumas das queixas relatadas pelas mulheres, no entanto os motivos que mais foram constatados nos relatos dos homens foram a "incompatibilidade sexual e problemas com a família do cônjuge" (LEVINGER, 1966 *apud* KASLOW e SCHWARTZ 1995, p.58).

Segundo os autores, há uma relativa mudança com relação às queixas que levaram ao fim o relacionamento conjugal no decorrer do tempo. Em 1956, "a personalidade, a vida do lar, valores, autoridade, bebida, falta de apoio, infidelidade do marido, dinheiro e parentes" eram motivos apontados para levar ao fim a relação. Em 1982, os principais motivos para este fim eram "a falta de diálogo, diferentes valores, conflitos sexuais, os cônjuges serem muito novos para o casamento, poucos amigos, excesso de trabalho, conflitos em relação a familiares do cônjuge". Com isso podemos perceber transformações, sociais, culturais, econômicas e jurídicas citadas no início deste texto por Jablonski (1998). A legislação se transforma de acordo com as exigências do contexto vivenciado, "não é a lei do divórcio ou antidivorcistas que causam ou facilitam as dissoluções matrimoniais, mas o cotidiano, a organização social, os problemas econômicos da família moderna" (COSTA, 1987 *apud* PEDRONI, 2005, p. 34). As diferentes motivações sobre o fim do relacionamento conjugal em cada época estão relacionadas ao contexto e suas implicações no ser humano. Segundo Spink (2004), a produção do sentido é uma construção social daquilo que vivenciamos nas relações sociais e no contexto e época em que estamos inseridos.

> O sentido e uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2004, p. 48).

Portanto, devido às mudanças socioculturais que ocorreram no decorrer dos anos e os diferentes motivos que levam a ruptura conjugal apresentados em cada época, esta pesquisa visa compreender quais os sentidos produzidos por pessoas que estão em processo de separação conjugal sobre os motivos da separação.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

• Compreender quais os sentidos produzidos por pessoas que estão em processo de separação conjugal sobre os motivos da separação

1.3.2 Objetivos Específicos

• Identificar os sentidos atribuídos ao casamento para homens e mulheres.

• Identificar os sentidos atribuídos a separação conjugal para homens e mulheres

• Identificar os motivos atribuídos a separação para homens e mulheres

1.4 JUSTIFICATIVA

O tema investigado neste estudo refere-se aos sentidos produzidos por pessoas que estão em processo de separação conjugal acerca dos motivos que levaram ao fim conjugal. Este estudo foi realizado em um serviço de mediação familiar, onde atuam profissionais qualificados com intuito de amenizar e esclarecer os conflitos gerados em decorrência da separação conjugal. A mediação "é um meio extrajudicial de resolução de conflitos, onde um terceiro é chamado para encaminhar as partes a chegarem a uma solução ou acordo" (CACHAPUZ, 2005, p. 41).

Alguns estudos já foram realizados sobre os motivos da separação, como o estudo de Porreca (2004), ele realizou uma pesquisa no estado de São Paulo com casais católicos que estão vivendo uma segunda união. Participaram da pesquisa 10 casais com idades de 30 a 50 anos. O objetivo da pesquisa visava compreender como aconteceu o primeiro casamento, quais os motivos que eles atribuem ao fim do relacionamento conjugal, como estão vivendo este segundo casamento e o que os leva a continuar participando das práticas religiosas da Igreja católica.

Na pesquisa de Porreca (2004), os principais motivos relatados pelas mulheres como aspectos motivacionais para o fim da relação conjugal foram, "infidelidade conjugal, alcoolismo dos maridos, brigas freqüentes". Para os homens os principais motivos que levaram a ruptura familiar foram, "infidelidade conjugal da esposa e conflitos no relacionamento" (p.35). Para o autor, os diferentes motivos mencionados pelos participantes indicam que a ruptura conjugal não acontece por um único motivo e sim por um conjunto de diferentes situações conflituosas que levam ao desgaste.

No ano de 1956 Goode realizou uma pesquisa com um grupo de mães que passaram pela experiência do divórcio, comprovou que essas mulheres passavam constantemente por um estigma social devido a sua situação, de serem mulheres divorciadas. Segundo o autor este preconceito social ocorria mesmo quando estas mulheres eram, no período em que estavam casadas, mulheres de maridos "alcoólatras, rejeitadores ou infiéis. A atmosfera moral da época era tão restrita e condenatória que os parentes ou amigos não sentiam a obrigação ética de proporcionar apoio emocional ou financeiro aos divorciados" (GOODE, 1956, *apud* KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p. 57). Nesta pesquisa pode-se perceber que o nível sócio econômico tinha alguma

influência naquela época (1956), pois foi verificado que casais que se separavam pertenciam à classe baixa, isso significa que nos casais pertencentes à classe média e alta, o divórcio tendia a não acontecer devido ao moralismo da época (KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p.57). Um pouco mais tarde no ano de 1982, Kitson e Sussman, executaram uma pesquisa com um grupo multiétnico de adultos que já estavam separados nos Estados Unidos, perceberam que as mulheres tinham mais possibilidades de alegar como razões para o fim do relacionamento conjugal o "sexo extraconjugal, infidelidade, imaturidade, sair com os amigos, bebida, problemas financeiros e de emprego, problemas emocionais e de personalidade como queixas principais" (KITSON e SUSSMAN, 1982 *apud* KASLOW; SCHWARTZ, 1995, p.59).

> Já os maridos tinham mais possibilidades de estarem inseguros sobre o motivo da ruptura do casamento e mencionar super dedicação ao trabalho, problemas com parentes e acontecimentos externos, tais como alguma morte na família, mudança de emprego, amante ou coisa assim como razões para a ruptura (KITSON e SUSSMAN, 1982 apud KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p. 59).

Percebendo a diferença existente entre ambos os sexos em relação aos motivos que levaram ao fim do relacionamento conjugal, Kaslow e Schwartz (1995), vêem a necessidade de se levar em consideração as diferentes épocas e contextos nos quais estão inseridos estes sujeitos. **"**O estudo de Goode foi realizado durante o período imediatamente posterior a II Guerra Mundial e o trabalho de Kitson e Sussman, reflete as mudanças sociais e psicológicas da década de 1970" (p.61). Na sociedade contemporânea os motivos mais freqüentes que levaram ao fim o relacionamento conjugal são de ordem afetiva, mas o fator econômico tem um grande valor em relação a esta ruptura conjugal, isso em todos os níveis socioeconômicos. Outros fatores que atualmente tem contribuído para esse fim é o "abuso do cônjuge (físico e/ou verbal, e em todos os níveis), abuso de drogas e infidelidade" (KASLOW e SCHWARTZ 1995, p.62). Segundo os autores o divórcio na sociedade moderna tornou-se mais acessível para as pessoas do que em décadas anteriores.

O estudo realizado por Féres-Carneiro (2003), com 16 homens e 16 mulheres de classe social econômica média, com idades variando de 25 a 55, separados legalmente ou não do primeiro casamento e que ainda não haviam se casado novamente. Teve como objetivo verificar como estas pessoas vivenciaram o fim do relacionamento

conjugal e como buscaram reconstruir suas identidades após o término do relacionamento. Sua pesquisa se baseou no "desejo de separação, a decisão da separação e a reconstrução da identidade" (p. 4). Na categoria "Desejo de separação" a maioria das mulheres relataram que os motivos que contribuíram para o fim do casamento estavam atrelados ao fato de os cônjuges terem casado muito novos, (antes de 23 anos de idade) e aos casos extraconjugais dos maridos. Os homens participantes da pesquisa também atribuíram como motivo desencadeador do fim da relação, a traição, onde eles mesmos a realizaram.

Trevisan (2007) realizou uma pesquisa com casais, três homens e três mulheres com idades entre 44 e 63 anos que estavam em processo de separação conjugal. O objetivo dessa pesquisa era: "comparar as respostas com relação ao gênero dos entrevistados, descrever os motivos que levaram a separação conjugal, identificar os sentimentos mais presentes com relação a este momento e investigar a perspectiva de futuro" (p.11). Nesta pesquisa foi concluído que os principais e mais freqüentes motivos apresentados pelas mulheres foram: "violência psicológica, ausência de carinho, baixa tolerância aos comportamentos do parceiro [...], ausência de relação sexual e não se propôs a mudança." Já para os homens o motivo mais apresentado para o fim conjugal foi a culpabilização feminina.

Reconhecer e identificar os sentidos que as pessoas atribuem aos motivos da separação conjugal, é uma contribuição para o serviço de mediação familiar, pois é o conjunto de fatores que determinam a situação e o sentido que cada pessoa produz tem relação com o contexto e o meio no qual está inserida (SPINK, 2004, p.41). O mediador tendo uma compreensão dos sentidos construídos pelos sujeitos que estão em processo de separação, sobre os motivos que desencadearam o término da relação conjugal, passa a ter possibilidade de compreender o contexto dessas partes envolvidas, possibilitando um melhor acolhimento do sofrimento de ambos, abordando através de um olhar mais profundo a culpa e a dor dos casais.

Esta temática tem relevância científica, pois propõe a produzir conhecimentos que podem ser utilizados como aprofundamento por outros pesquisadores com interesse neste tema. Além do que, os resultados dessa pesquisa auxiliarão futuramente os profissionais atuantes em serviços de mediação com o reconhecimento da vivência desses casais que estão em processo de separação e os sentidos que essas pessoas atribuem aos motivos que levam a ruptura conjugal.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada foi possível identificar alguns estudos realizados que abordam em seu desenvolvimento os motivos da separação conjugal como o estudo de Kaslow e Schwartz (1995), a pesquisa de Porreca (2004), a pesquisa de Féres-Carneiro (2003), a pesquisa de Trevisan (2007), todos já mencionados neste trabalho. No entanto entendemos que o tema não está suficientemente esgotado, pois as mudanças na conjugalidade contemporânea sinalizam a produção de outros sentidos para o casamento e para a separação e também novas formas de resolução como os serviços de mediação familiar o que justifica a continuidade de pesquisar sobre o tema.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CASAMENTO

Históricamente o casamento no Brasil era realizado somente no âmbito religioso e exclusivamente para as pessoas da religião católica. Levando em consideração que a base dos direitos matrimoniais era baseada de acordo com as leis regidas pela igreja. A partir do ano de 1861, o casamento no civil começou a ser realizado, concedendo assim as pessoas não católicas à possibilidade de aderirem à vida matrimonial, sendo conferido ao casamento religioso os mesmos direitos do casamento civil. Com o Advento da lei n° 181 em 1890, o casamento civil passou a ser a única forma de registro civil considerado válido, tendo este que ser realizado antes do casamento religioso (PIZZOLO e TENFEN, 2004). Quanto à validade do casamento religioso o novo código Civil (2002, p.71), diz que o "casamento religioso, que atender às exigências da lei para a validade do casamento civil, equipara-se a este, desde que registrado em registro próprio, produzindo efeitos a partir da data de sua celebração."

Com o advento da Lei n° 8.971/94 se um casal estivesse em um relacionamento estável com mais de cinco anos ou dessa relação tivessem algum filho, ambos mesmo que envolvidos serem de estado civil "solteiro, separados judicialmente, divorciados ou viúvos" eram considerados juridicamente como uma união de "concubinato puro". Neste caso os cônjuges não eram casados nem no religioso e nem no civil apenas mantinham um relacionamento estável. Quando este relacionamento acontecia entre pessoas casadas oficialmente, mesmo quando não mais coabitavam e nem se relacionavam com o ex cônjuge, este relacionamento era chamado de "concubinato impuro" e não era reconhecido perante o órgão jurídico. Já com o surgimento da Lei n ° 9.278/96 a união entre um homem e uma mulher para ser considerada e reconhecida pela legislação, não requeria de um tempo mínimo de convivência e nem da existência de filhos no relacionamento, bastava ser considerado publicamente como um casal, ter uma convivência duradoura e ter como objetivo a constituição familiar, este relacionamento é chamado pela legislação de "união estável". De acordo com a Lei n° 10.406/02 do atual código civil, os cônjuges envolvidos na união estável passam a ter direitos e deveres (PIZZOLO e TENFEN, 2004, p.30).

O casamento no civil ainda é considerado vantajoso perante as demais uniões livres citadas acima, pois com a realização do casamento no registro civil os cônjuges passam a ter seus direitos e deveres registrados, como uma proteção futura no caso de acontecer uma separação. Quando a união é livre os cônjuges irão ter de provar a relação de bens adquiridos em relação ao tempo em que realmente estão juntos, estas provas exigirão clareza e deverão ser "induvidosas" perante o juiz (PIZZOLO e TENFEN, 2004, p. 48)

Da Antiguidade a Idade Média, homem e mulher não tinham o direito de escolher seu futuro esposo ou esposa, essa escolha era proveniente do que seus pais escolhiam para ambos. O casamento não era visto pelas pessoas como um ato de amor, e sim como uma forma de contrato, um negócio, que tinha como objetivo a satisfação das famílias dos cônjuges envolvidos e não a felicidade e realização de ambos. A escolha e o amor dos cônjuges não tinham importância alguma na decisão dessas famílias, onde a sexualidade gerada durante o casamento tinha como primordial objetivo a reprodução. O amor entre os cônjuges era um sentimento irrelevante nesta época, para a igreja ambos não teriam de se casar por amor e sim para realizar uma união entre as famílias dos cônjuges, tornando possível a procriação, permitindo assim a continuidade das gerações e principalmente para evitar a sexualidade fora do casamento, evitando a promiscuidade (ARAÚJO, 2002, p.50). Na Idade média, a mulher ao se casar passava a ser posse de seu esposo. Esta deveria retirar seu sobrenome e adquirir o sobrenome do seu esposo, tornando-se submissa a ele. Nesta época a virgindade feminina era algo primordial no casamento, onde a mulher teria de se preservar virgem ao seu marido e de manter fidelidade eternamente a ele (BEAUVOIR, 1980).

Muitas transformações tiveram início na época moderna, o casamento passa a ter um valor voltado para as vontades de ambos os cônjuges, passa assim a existir o casamento baseado no amor e na paixão. Essa transformação exige somente que ambos os cônjuges se amem e que tenham como objetivo a felicidade no relacionamento conjugal. Para Giddens (1993), com a exclusão do poder patriarcal, tem-se a possibilidade de ser falar do sentimento amor no casamento, visto que, casamento e amor não se encontravam vinculados, pois o que existia era uma relação baseada em cuidados e responsabilidades com o cônjuge, o lar e a família.

Assim, no século XIX, surge a idéia de amor romântico, gerando mudanças significativas na relação conjugal. O amor romântico "é a possibilidade de estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo como base qualidades intrínsecas

desse próprio vínculo [...]", é a idéia do "para sempre" e "único", supõe a realização dos cônjuges na união (GIDDENS, 2003, p.10). Para Oltramari (2007), o amor romântico acredita na indissolubilidade dos cônjuges, as pessoas acreditam que o parceiro é "único" e "eterno".

Na modernidade, o casamento passou a ter como "premissas básicas o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges e a procriação não é o objetivo principal do casamento." Este era denominado de casamento Malthusiano, para Mcfarlane (1990 *apud* ARAÚJO 2002, p.54), Malthus com seu modelo de casamento propôs uma grande transformação para a época. Em muitas sociedades nesta época quando se falava em casamento pensava-se no homem como tendo um poder sobre a relação. Seguindo este modelo Malthusiano, a relação passaria a ser igualitária, onde homens e mulheres teriam o mesmo valor perante a relação matrimonial. O casamento passaria a ter como objetivo o vínculo entre o casal e não a reprodução e nem os desejos das famílias dos cônjuges. Outra proposta deste modelo era valorizar o "afeto, a amizade e o companheirismo" entre os cônjuges (p.54).

Após o Capitalismo o modelo de casamento proposto por Malthus foi adotado em muitos países, foi adaptado a cultura, e aos níveis econômicos das diferentes sociedades. Os relacionamentos conjugais na sociedade contemporânea têm utilizado ainda os parâmetros ideais do casamento proposto por Malthus, a relação de igualdade entre homens e mulheres no relacionamento conjugal, o companheirismo entre os parceiros, a amizade entre ambos e o objetivo focado no vínculo conjugal e não somente na reprodução (ARAÚJO, 2002, p. 54).

Segundo Magalhães e Féres- Carneiro (2003), O ideal do amor romântico dentro das relações matrimoniais fez e ainda faz com que ocorram muitas cobranças entre ambos os cônjuges, que depositam no parceiro a obrigação de contemplá-los com a felicidade que tanto almejam. O amor romântico de acordo com Lins (1997) é uma idealização, uma projeção sobre o cônjuge. Pois neste tipo de amor a pessoa tem como objetivo encontrar a pessoa especial e na busca desse objetivo, acaba-se por frustrar-se a partir do momento que percebe que o outro é um ser humano e não mais aquele sujeito idealizado.

No entanto segundo Araújo (2002), os ideais do amor romântico conduziram muitas mulheres a uma severa subordinação doméstica. Como conseqüência desses ideais o "Ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres: além de ajudar a colocar as mulheres em "em seu lugar" - o lar-,

reforçou o compromisso com o "machismo", ativo e radical na sociedade moderna"(p.3). Os ideais do amor romântico começaram a se desfazer com a independência sexual e a autonomia feminina. Este declínio de poder dos homens sobre as mulheres gerou transformações da intimidade do casal. A intimidade segundo Giddens (1993, p.11), "é uma questão de comunicação pessoal, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal"

Segundo Féres-Carneiro (1998, p.50), "Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles." No casamento contemporâneo com a independência financeira da mulher os ideais de "para sempre e único" não são mais categorizados com tanta relevância, pois a partir do momento que o casamento passa a se tornar uma relação insatisfatória tende a desencadear um fim. Quando a relação não proporciona satisfação a um ou ambos os cônjuges tende a terminar.

O ideal de casamento na sociedade atual, onde as pessoas tendem a invadir as emoções e privacidades do outro cônjuge, "onde se deseja o outro por inteiro" pode trazer muitas conseqüências, como a separação conjugal. Os conflitos que surgem no casamento são desencadeados freqüentemente pelo fato de um ou ambos os cônjuges terem o casamento e o parceiro com uma extrema idealização e na vida cotidiana estes tendem a se deparar com algumas frustrações diante dessas expectativas. Essas frustrações quando não superadas podem levar ao fim o relacionamento conjugal (SIMMEL, 1971 apud FÉRES CARNEIRO, 1998, s.p).

2.1.2 Conjugalidade

Na modernidade existem vários elementos que são indispensáveis para uma convivência a dois, o amor é um desses elementos. Na sociedade contemporânea "[...] não se admite uma relação que vise uma convivência conjugal que não seja pautada por amor [...]" (OLTRAMARI, 2007, p.106)

> Conjugalidade deve ser entendida como uma forma possível de gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos, onde ideologias e práticas de amor conjugal e gênero se expressam e realizam, positivamente, um lócus ou

> uma cena onde se situam as trocas afetivas, sexuais e cognitivas entre os gêneros (MATOS, 2000, p.163)

"A construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro e fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres" (ARAÚJO, 2002, p.56). Essas conquistas contribuíram para o surgimento de novas formas de relacionamentos amorosos, isso se tratando de relacionamentos heterossexuais ou não. O casamento tradicional que tem como objetivo primordial a constituição familiar, continua tendo valor importante na sociedade moderna, no entanto convive também com outras formas de relacionamentos conjugais como as "uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação, e também as uniões homossexuais" (ARAÚJO, 2002, p. 56). Diante dessas transformações da intimidade a tendência da sociedade moderna é tornar-se mais flexível com essas múltiplas configurações das relações conjugais (ÁRAUJO, 2002, p. 56).

Conjugalidade é uma união entre duas pessoas, sem necessariamente, estas regularizarem em um contrato esta união. Este novo modelo tem se construído de acordo com as transformações sociais e culturais que a família vem passando na contemporaneidade (DIHEL, 2002 *apud* ABREU, 2005). Na sociedade moderna pode-se perceber que o tamanho da família diminuiu, no entanto o número de uniões conjugais sem um contrato formal aumentou (ABREU, 2005).

As conjugalidades estão se dividindo entre "um ideal de fusão afetiva, onde se concentram expectativas de felicidade pessoal e o investimento na realização individual" (ABUCHAIM, 2007, p.42). Segundo a autora os casais contemporâneos estão mais ligados na sua individualidade do que no relacionamento em si. Para Bozon (2004, p.133), o que caracteriza a união contemporânea não é somente a importância do amor nas relações, mas também o respeito aos direitos e desejos individuais de ambos os cônjuges. Outro fator importante da conjugalidade como já foi citado anteriormente, é a existência da sexualidade tanto na "constituição e, depois na manutenção da relação conjugal" (BOZON, 2004, p.134).

Uma pesquisa realizada por Bozon (2004) revelou que geralmente existe no início do relacionamento, um número considerável de relações sexuais. E que casais que conseguem manter um número razoável de relações sexuais no decorrer dos anos de convivência conjugal, tendem há permanecer mais tempo juntos. De acordo com o autor, foi possível perceber que há uma tendência em diminuir a freqüência do número de relações sexuais quando o casal já esta há certo tempo juntos, o que pode por muitas

vezes, desencadear a separação conjugal. “Podemos então perceber a importância que as relações sexuais apresentam no contexto da conjugalidade” (OLTRAMARI, 2007, p.107).

O amor confluente citado por Giddens (1993) tem muita relação com a conjugalidade no qual estamos nos referindo, pois presume a igualdade entre os sexos, e tem a sexualidade, os direitos e desejos individuais como bases de uma união satisfatória. Esta forma de amor está mais próxima ao contexto contemporâneo no qual estamos inseridos. O amor confluente tem uma recusa pelas idealizações, pois se pauta essencialmente na realidade com igualdade na relação e envolvimento entre o casal (GIDDENS, 1993, p.75).

> “o amor confluente presume igualdade na doação e no recebimento emocional [...] o amor só se desenvolve até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a este outro [...]”(GIDDENS, 1993, p.73).

No amor confluente a união entre duas pessoas tende a permanecer somente quando ambas desejam e só se sustenta se gerar retribuições psíquicas suficientes a cada sujeito. O amor confluente é baseado em compromissos que os parceiros se disponibilizam em assumir ao iniciar um relacionamento amoroso (GIDDENS, 1993).

> O amor confluente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico [...] Quanto mais o amor confluente consolida-se em uma possibilidade real, mas se fasta da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p.72).

No amor confluente para um casamento ser duradouro tem de se basear na realização do prazer sexual de ambos os cônjuges. Pois neste tipo de amor desaparece a distinção entre mulheres “respeitáveis” e o preconceito das mulheres que tem a possibilidade de tornarem-se sexualmente realizadas. O amor confluente difere do amor romântico que tem monogamia, no sentido de exclusividade sexual. No confluente a “exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerarem desejável ou essencial” (GIDDENS, 1993, p.74).

Para Bauman (2004), na modernidade os relacionamentos tem se desenvolvido por um período rápido de tempo, no entanto as pessoas expressam uma necessidade imensa de se relacionar, de vivenciar uma relação amorosa, mesmo sabendo que esta situação amorosa pode durar por pouco tempo. O amor ainda é algo idealizado, é significado como um sentimento eterno.

2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL

Na maioria das vezes a separação traz consigo sentimentos desagradáveis como culpa, frustração, dor e perda. Esses sentimentos podem ou não ser sentido pelos cônjuges que estão envolvidos, no entanto toda separação por pior que esteja a relação do casamento, deixa suas marcas. A facilidade legal para por um fim ao vínculo conjugal, a maior aceitação de pessoas separadas na sociedade, a emancipação da mulher, a falta de diálogo entre os cônjuges, aumentam os índices de separação conjugal na contemporaneidade. Mesmo com a diminuição do preconceito existente por muito tempo em relação ao divórcio, com o aumento da dissolução conjugal na contemporaneidade e a melhor aceitação da ruptura conjugal perante a sociedade após a concessão da Lei do divorcio, o "impacto traumático do divórcio não parece ser menor nos indivíduos que o experimentam" (KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p.60). A separação conjugal é geradora de muitas mudanças na reorganização de uma família, geralmente a partir de quatro anos após a separação é que os membros da família envolvida no processo ajustam seus papéis perante a família e a sociedade (COX e COX, 1982 apud SOUZA 2000, s.p).

Conforme Ávila (2004), quando a decisão da separação é tomada, dificilmente esta decisão é realizada por ambas as partes, na maioria das vezes uma das partes tem mais pressa em terminar com o matrimônio. Assim a pessoa que tomou a decisão está mais preparada para este término, pois vivenciou está ruptura, este luto da relação a mais tempo do que o outro cônjuge. Então a pessoa que tomou a decisão se direciona para o futuro e o outro pensa no passado, no que não deu certo (LÉVESQUE, 1998 citado por ÁVILA, 2004, p.8). Para Benjamin (1987), geralmente é a mulher que toma a iniciativa da separação juridicamente. O marido geralmente abandona o lar, mas é a mulher que inicia os procedimentos jurídicos para obter a separação (IRVING e BENJAMIN, 1987 *apud* ÁVILA, 2004, p.8). A mulher quando tem uma independência

financeira lida com mais tranqüilidade em relação à separação, mesmo com certa apreensão em relação ao futuro dos filhos. É muito freqüente que diante de uma separação os pais se sintam inseguros em relação aos filhos. A maior preocupação das mulheres quando uma separação não é aceita pelo outro cônjuge, é a perda da guarda dos filhos e os homens ficam inseguros a respeito da distância que pode ocorrer na relação entre eles e os filhos (ÁVILA, 2004, p. 9). A separação gera na família envolvida uma transformação na vida familiar, no cotidiano e na sociedade.

> O fenômeno da separação esta vinculado a estas novas realidades que são a adaptação a família mono parental, o estresse econômico, a diminuição dos contatos entre certos membros da família, o aumento das responsabilidades do pai e da mãe que detém a guarda das crianças e freqüentemente a chegada de novos membros no contexto de nova união conjugal (CLOUTIER e JACQUES, 1997 citado por ÁVILA, 2004, p. 9)

Para Ibrahim (1984 *apud* ÁVILA, 2004, p.10), os casais em processo de separação tendem a vivenciar dez etapas até superar este momento de angústia e sofrimento. Relata que alguns casais seguem as etapas de maneira linear, assim como tem alguns que pulam algumas etapas não completando o ciclo. As dez etapas consistem em: "ameaça de separação, separação, negação, trauma associado ao procedimento legal, cólera, jogos de sedução, depressão, isolamento, aceitação e por fim, início de uma nova vida" (p. 10). Vale lembrar, que estas fases não são rígidas, não necessariamente serão vividas por todas as pessoas, pois cada pessoa tem a sua maneira de vivenciar e aceitar o sofrimento.

Algumas pessoas acabam se separando não pelo motivo de o casamento não ser importante, muito pelo contrário, o excesso de idealização frente a este é tão grande que os cônjuges acabam por não aceitar a insatisfação frente às expectativas que estes tinham. Assim, não conseguindo lidar com esta frustração das expectativas perante o matrimônio e não superando as dificuldades da vida a dois acabam por optar pela separação. Esta ruptura conjugal provoca muitas vezes no casal "sentimento de fracasso, impotência e perda" (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p.7).

Segundo Féres-Carneiro (1998), a separação tende a desfazer a identidade conjugal formada pelos cônjuges, pois o casamento na contemporaneidade é caracteriza-se por:

> [...] conter ao mesmo tempo duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 3).

Ou seja, o casamento é a união de duas individualidades que juntas formam uma identidade conjugal e com a separação esta identidade conjugal tende a se desfazer e assim ambos os cônjuges terão de definir uma nova identidade individual.

2.2.1 Separação Judicial e Divórcio

A separação judicial e o divórcio passaram por transformações no decorrer dos anos. Na Idade Média a igreja detinha o poder absoluto sobre as pessoas. O casamento nesta época era tido com indissolúvel, não sendo possível de ocorrer o divórcio entre os cônjuges, sendo estes regidos pelas normas instituídas pela igreja. A igreja passou a conceder somente o divórcio Canônico, onde este não desfazia o vínculo conjugal, os cônjuges passavam a não ter mais obrigações de coabitação, fidelidade, mas não poderiam contrair uma nova união. Mesmo com a separação entre o Estado e a Igreja em meados do ano de 1.800, o divórcio no Brasil não foi adotado na legislação. Até 1916 a igreja mesmo que separada do Estado detinha influência sobre a forma de separação concedida pelos cônjuges, o casamento permanecia sendo indissolúvel, só era concedida a "dissolução da sociedade conjugal, através do desquite [...] continuando a impedir que os cônjuges convolassem novas núpcias, e, diante de tal situação era natural que a sociedade começasse a clamar pelo divórcio" (PEDRONI, 2005, p.91). Sem a concessão do divórcio as pessoas passaram a se relacionar com outras sem obterem o fim do vínculo conjugal com o ex cônjuge, passando a ter uma relação de concubinato. Com essas relações livres e com a luta dos divorcistas, algumas concessões antes não permitidas tiveram necessidades de se realizar como, por exemplo, o colégio passou a aceitar as "matrículas de filhos nascidos nas uniões livres, os tribunais passaram a amparar as companheiras, dando-lhes participação nos bens do amante, porém, restava à

mulher desquitada uma segunda união estável, ou aparentemente estável" (FÉRES CARNEIRO, 1973, *apud* PEDRONI, 2005, p.92).

No dia 28 de Junho de 1.977 o divórcio foi concedido no Brasil, admitindo assim a "dissolubilidade do vínculo do casamento e também para estabelecer os parâmetros para a dissolução do casamento, cuja regulamentação se deu através da Lei 6.515, de 26 de Dezembro de 1.977" (PEDRONI, 2005, p.95). A Lei 6.515/77, expressa que o divórcio acaba com o casamento e com os "efeitos civis do matrimonio religioso, sendo que sua modalidade básica era o divórcio de conversão" (p.95), onde para a obtenção do divórcio os cônjuges têm de estar três anos já com separação judicial, para assim depois ambos ou um dos cônjuges requererem a conversão da separação judicial em divórcio. Salientando que de acordo com Dias (2006), a conversão de separação judicial para divórcio no atual código civil, contempla que após um ano de separação judicial, já pode ser realizada a conversão para divórcio, o que também se denomina de divórcio indireto. Segundo Pizzolo e Tenfen (2004), a separação judicial consiste na dissolução da sociedade conjugal, sendo assim os cônjuges com a separação judicial não tem mais as responsabilidades de coabitação, fidelidade, enfim, passam a não ter que realizar mais o cumprimento dos deveres matrimoniais. No entanto não podem contrair um novo matrimonio antes da conversão em divórcio. Segundo os autores, a separação judicial pode ocorrer de dois tipos, de forma consensual ou de forma litigiosa. A separação judicial consensual só poderá ocorrer se o casal estiver casado há cerca de um ano após a data de realização do casamento. A separação consensual acontece quando ambas as partes entram em acordo comum, quando é da vontade de ambos os cônjuges a separação (DIAS, 2006, p.41). Uma forma recente de obter a separação e o divórcio de forma consensual é o processo de mediação familiar, que surge como uma forma de conciliar os conflitos decorrentes da separação conjugal e fazer com que ambas as partes realizem um acordo comum (MUSZKAT, *et al* 2008). Já a separação litigiosa, consiste no fato de que a decisão é tomada por apenas um dos cônjuges "imputando ao outro a conduta desonrosa ou qualquer ato que importe em grave violação dos deveres do casamento e torne insuportável a vida em comum" (SOARES, 2004, p.310). A separação judicial litigiosa pode também ser pedida "se um dos cônjuges provar ruptura da vida em comum há mais de 1 (um) ano consecutivo, e a impossibilidade de sua reconstituição" (310). Outra forma de solicitar a separação judicial litigiosa pode ocorrer quando "o outro estiver acometido de grave doença mental, manifestada após o casamento, que torne impossível a continuação da vida a dois, desde que, após uma

duração de 5 (cinco) anos, a enfermidade tenha sido reconhecida de cura improvável (PEDRONI, 2005, p.97). Segundo o autor, quando o casal esta separado de corpos, quando não possui mais um relacionamento conjugal por um período de dois anos consecutivos, tem a possibilidade de executar o divórcio direto, sem assim antes ter de passar pela separação judicial.

2.3 ESTUDOS DE GÊNERO

O objetivo desse capítulo é apresentar o conceito de gênero como categoria necessária ao estudo dos motivos da separação conjugal. Considerando as pesquisas que constam neste trabalho, acerca do fim do relacionamento conjugal para homens e mulheres.

Segundo Muszkat *et al* (2008), a palavra gênero explica as diferenças culturais e sociais entre homens e mulheres e como são construídas estas divergências na sociedade. Para os autores, "homens e mulheres são muito diferentes entre si, dependendo do meio social e cultural em que vivem" (p.24). Com isso pode-se perceber que as relações de homens e mulheres se modificam de uma sociedade para outra, de uma cultura para outra, pois são construções sociais e as ações dos sujeitos é que geram essas relações sociais. Para Strey (1998), "a construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas" (p.32). A relação de gênero está presente desde a nossa infância, pois somos educados numa sociedade que determina o que a menina pode brincar ou usar, o que o menino não pode fazer, ou seja, os padrões de comportamentos são previamente determinados e diferentes para cada sexo (LINS, 1997).

Quando os significados de gênero construídos em determinada época e cultura são causadores de estigmas, quando estes "estimulam ou reafirmam a desigualdade, a opressão e a violência" (p.26), estes significados devem ser reformulados, apropriando-se assim de uma nova forma que não seja causadora de desigualdades e opressão (MUSZKAT *et al,* 2008, p.26). No entanto esta mudança gera para homens e mulheres muita ansiedade e dificuldade de compreensão de seus papéis perante a sociedade, pois os conceitos antigos e a forma de viver são estruturados em

uma cultura e devem ser derrubados e reconstruídos, baseando-se nas transformações de cada época, respeitando as desigualdades entre os seres (GIDDENS, 1993).

É muito comum perceber a idéia ainda existente, de um padrão de personalidade, tipos de comportamentos adequados para cada um dos sexos. "O padrão geralmente designado ao sexo feminino é de ser uma mulher com características materna, delicada, feminina e dócil" (p.45). Por muito tempo a mulher que não se enquadrasse neste padrão era freqüentemente julgada e classificada como impura indigna de um matrimônio (ANTON, 2000, p. 45).

> "A mulher ficou reservado o espaço de menor representatividade, tanto dentro como fora de casa, deixando-a, ao mesmo tempo, cercada e sufocada por um sentimento de inferioridade e por uma instituída necessidade de dependência ao homem – o que era, inclusive, oficialmente legitimado e proclamado através de leis, doutrinas, teorias cientificas e filosóficas" (DORAIS, 1994 e STREY, 2002 apud WINCK, 2007)

Já para o padrão característico esperado pelos homens é que sejam "viris, machos, heterossexuais, determinados e fortes" (p.45). Histórica e culturalmente o homem tem o papel de chefe do lar, tendo assim que demonstrar força e ser corajoso em defesa da sua família. No entanto quando nos deparamos com a realidade da sociedade muitas vezes não encontramos estes padrões correspondentes. Com isso ao se apresentar com uma conduta que não é a que é a norma da sociedade damos início muitas vezes a relações de preconceitos e discriminações (HEILBORN, 2001 apud MUSZKAT *et al* 2008).

Até o século XVIII, as mulheres foram vistas na sociedade com um papel fundamental na vida familiar, como a procriação, o desenvolvimento das tarefas do lar, os cuidados com os filhos e com o marido, enquanto que o papel do homem no sistema familiar era somente de trabalhar para assim adquirir o sustento da família. Na maioria das situações familiares cabe a esposa dedicar-se exclusivamente ao marido e aos filhos abdicando assim de seus interesses pessoais, vivendo somente a serviço do bem estar da família. A falta de simetria na divisão das tarefas, na educação com os filhos e na organização da casa, são fatores que contribuem por ocasionar conflitos nas relações familiares. A falta de igualdade na relação do casal, as diferenças entre os interesses em comum tendem a gerar, principalmente nas esposas, insatisfação conjugal (PERLIN; DINIZ, 2005).

Na contemporaneidade, os papéis de homens e mulheres são frutos de algumas mudanças, onde as mulheres além de serem provedoras e dedicadas ao lar passaram a trabalhar fora, e muitos homens se dispuseram a participar mais intimamente do funcionamento familiar, substituindo ou dividindo muitas vezes o papel que antes era só feminino. Assim podemos utilizar os ditados populares onde é dito "ele é como uma mãe" ou que "ele é pai e mãe", verificando aí uma imparcialidade perante as funções, não designando se estas funções são "atribuídas ao feminino ou ao masculino" (MUSZKAT, *et al,* 2008).

Algumas mulheres se sentem descontentes com a sobrecarga de trabalho, pois além de trabalharem fora de casa muitas tem os afazeres domésticos a cumprir, e ainda são casadas com maridos que exigem que a esposa siga as funções tradicionais, de esposa, dona de casa e mãe. Portanto a mulher passou a assumir um papel que antes era só masculino, mas não deixou de ser cobrada da função tradicional do papel doméstico (PERLIN; DINIZ, 2005).

De acordo com Araújo (2002), no decorrer dos séculos a mulher vem transformando seu papel perante a sociedade. Na contemporaneidade as mulheres procuram por um espaço igualitário, lutam por sua emancipação, gerando transformações no campo sexual, afetivo e profissional. Essas transformações têm modificado a relação do casal no casamento. Com o movimento feminista a visão tradicional dos papéis de homens e de mulheres se modificou. Este movimento teve início nos Estados Unidos, e em alguns países na Europa e do Brasil a partir da década de setenta. Com este movimento as mulheres passaram a reivindicar seus direitos de cidadãs ao Estado, lutando pela igualdade entre os sexos. A partir dos anos oitenta "reafirma-se a necessária heterogeneidade das experiências a partir da relação de gênero" (SILVA, 2000, p.4), ou seja, a partir das relações de desigualdades e de poder entre os sexos foi possível perceber a necessidade de estudar as relações sociais entre homens e mulheres. Com o movimento feminista foram alcançadas muitas conquistas, como o direito ao voto, a inserção da mulher no mercado de trabalho assim como na política. Para Winck (2007), essa ascensão feminina também modificou a representação social sobre ser mulher e gerou uma re-significação de antigos paradigmas de gênero.

> [...] o que de certa forma, assustou muitos homens, colocando-os em uma espécie de crise. Consequentemente, a então chamada crise da masculinidade acabou por gerar grande insegurança e desconforto naqueles que, por um

> direito supostamente adquirido, até então se encontravam em uma posição de poder e de representação social mais tranqüila e assegurada" (WINCK, 2007, p.150)

Outro ponto que devemos abordar neste capitulo é a questão da fidelidade conjugal. Segundo Bozon (2004), em 1970 a maioria das mulheres achavam a infidelidade do seu parceiro um ato perdoável, já em 1990 a opinião das mulheres em relação a envolvimentos fora do casamento se modificou, pois esta atitude do esposo já não é mais aceita pela maioria das mulheres. De acordo com o autor, a opinião dos homens pouco se modificou no decorrer dos anos, no entanto com a autonomia feminina a mulher passa a exigir mais da relação com o parceiro, e se este não corresponder as suas exigência, tornando a convivência insatisfatória a relação tende a se desfazer. Para Matos (2000), a cultura patriarcal tradicional tende remeter à virilidade a infidelidade masculina. No entanto na sociedade contemporânea, com os ideais feministas objetivando a igualdade entre homens e mulheres, tem tornado o ato de infidelidade cada vez menos aceito pelas mulheres, pois a traição configura-se com uma ruptura do contrato entre o casal, isso é claro, somente para casais que decidem conjuntamente manterem um relacionamento exclusivo.

Para Bozon (2004), se em algum momento um dos parceiros é infiel na relação, isso poderia ter ocorrido devido a diminuição da atividade sexual do casal, quando este já permanece junto por um determinado tempo, segundo o autor, mais ou menos após o terceiro ano de casado. Pois a atividade sexual do casal se transforma em hábito.

Conforme Weid (2004), infidelidade para os homens teria conotação de atração física, não envolvendo sentimentos. No entanto para as mulheres as coisas não têm o mesmo significado, pois para a mulher a traição envolve sentimento, carência. A autora acredita que a mulher ao trair não consegue separar "corpo e espírito" e que se envolveria com outro alguém somente por um ato de amor. Contudo há uma contradição, pois uma pesquisa realizada pela antropóloga Miriam Goldenberg entre 1998 e 2000, com mulheres solteiras e casadas da classe média do Rio de Janeiro sobre infidelidade, revelou que de 166 mulheres, 90 admitiram ter sido infiéis com o parceiro. A maior parte das justificativas das participantes estava atrelada a insatisfação na relação conjugal e atração física por outro homem. Portanto, será que as mulheres só traem por amor?

Outro ponto em que homens e mulheres divergem é na questão da ruptura conjugal de acordo com Féres–Carneiro (1998) e Jablonski (1998), o desejo e a iniciativa de separação parte principalmente das mulheres, pois estas levam muito em consideração a relação afetiva existente ou não no casamento. Já os homens levam mais em consideração conflitos internos. Para os homens a questão amorosa não é primordial, portanto o homem tende a permanecer no casamento se a questão afetiva não esteja o satisfazendo, pois a constituição masculina de casamento esta pautada no modelo familiar, sendo esta mais relevante que a questão afetiva.

Segundo Winck (2007), homens e mulheres enquanto cidadãos são, ou deveriam ser iguais, "independente de sexo ou de sexualidade" (p.154), no entanto todas as pessoas são muito diferentes individualmente.

> . "[...] Não limitemo-nos ao lugar comum de que há diferentes necessidades e particularidades entre homens e mulheres, o que é evidente, mas assumamos que existem inúmeras diferenças de homens para homens e também de mulheres para mulheres [...] (WINCK, 2007, p.154).

Somos pessoas antes de sermos mulheres ou homens, pessoas diferentes entre si. Teríamos que ter uma total igualdade nos direitos humanos, nas responsabilidades diárias e na representação perante a sociedade (WINCK, 2007, p.154).

2.4 PRODUÇÃO DE SENTIDO NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS COTIDIANAS

Este sub-capítulo trata da delimitação teórica que embasou o trabalho de análise de dados bem como permitiu a elaboração de conclusões a respeito desta pesquisa. Trabalhamos com a teoria de produção dos sentidos nas práticas discursivas do cotidiano, visto que, nesta pesquisa o nosso objetivo é de compreender quais os sentidos produzidos sobre os motivos que levaram ao fim conjugal.

A teoria da produção do sentido nas práticas discursivas é uma concepção teórica da Psicologia Social e uma corrente do Construcionismo Social. Para o Construcionismo Social a construção dos sentidos é baseada na história que a pessoa vivenciou, na linguagem e na própria pessoa (SPINK, 2004, p.26). Para Spink (2004), o

Construcionismo é uma teoria social do conhecimento onde a dicotomia do sujeito-objeto é dissolvida, visto que o sujeito e o objeto são construídos pelo conhecimento social, são produtos das relações que se estabelecem socialmente. No Construcionismo os objetos são frutos das relações que estabelecemos com eles, isso atrelado ao contexto histórico e cultural no qual vivenciamos. No caso desta pesquisa o casamento, a separação, os diferentes motivos desencadeantes dessa ruptura conjugal, são produtos das relações que estabelecemos com eles em determinado contexto, ou seja, para a postura construcionista os conhecimentos já existentes são resultados do social, os objetos e os conhecimentos são produtos sociais que permaneceram institucionalizados por meio das vivências cotidianas.

> No cotidiano de nossa vida, somos, de fato, produtos de nossa época e não escapamos das convenções, das ordens morais e das estruturas de legitimação. A pesquisa construcionista é, portanto, um convite a aguçar a nossa imaginação e a participar ativamente dos processos de transformação social (SPINK, 2004, p.32).

Segundo Spink (2004, p.41), "o sentido é uma construção social", ou seja, as pessoas constroem esses significados a partir das suas vivências sociais, a partir da sua relação com o meio. De acordo com a autora, a produção dos sentidos é uma "prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso", é através da linguagem, das manifestações, dos diálogos do cotidiano que as pessoas constroem e verificam os sentidos atribuídos aos fenômenos sociais. Para a autora é importante que se diferencie prática discursiva de discurso. A prática discursiva é a maneira como as pessoas falam e a partir daí como as pessoas constroem os sentidos na vivência cotidiana. De acordo com Spink (2004, p.45), a prática discursiva é "a linguagem em ação, isto é, a maneira a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas". Já o discurso é "o uso institucionalizado da linguagem, quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo," (SPINK, 2004, p.43). Sendo o discurso o uso institucionalizado da linguagem ele tende a permanecer por muito tempo, mesmo que o contexto social de cada época mude, alguns discursos permanecem os mesmos, permanecem institucionalizados. Um exemplo conforme Spink (2004, p.43), é "o discurso médico sobre a homossexualidade, ao longo dos anos", mesmo que a homossexualidade na sociedade moderna não seja mais considerada uma doença como em anos passados,

ainda existem discursos médicos que atribuem a sexualidade a algo patológico. Para Davies e Harré (1990) citado por Spink (2004, p.43), "os discursos podem competir entre si ou criar versões distintas e incompatíveis acerca de um dado fenômeno social", ou seja, os discursos coexistem, estão competindo no mesmo cenário.

A dinâmica, as formas ou *speech genres* e os conteúdos e repertórios lingüísticos são os três elementos que compõem as práticas discursivas. A dinâmica ou os enunciados são palavras que se articulam em ações no social, construindo a partir daí um sentido. As formas ou *speech genres*, são falas com significados pré-concebidos, são falas fixas que são empregadas de acordo com cada situação. E os conteúdos ou repertórios lingüísticos para Spink (2004), são o "conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol das possibilidades de construções discursivas, tendo como parâmetro o contexto em que essas práticas são produzidas e os estilos gramaticais específicos ou *speech genres*"

Nesta pesquisa trabalhamos com as práticas discursivas dos sujeitos, e através desta compreendemos os sentidos produzidos no cotidiano a respeito dos motivos que desencadearam o fim do relacionamento conjugal para estes sujeitos.

> [...] Ao trabalhar com práticas discursivas não estamos procurando estruturas ou formas usuais de associar conteúdos. Partimos do pressuposto que esses conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos. Os sentidos são fluídos e contextuais (SPINK, 2004, p.41).

Sendo assim, cabe neste momento ressaltar a compreensão a respeito do sentido produzido no cotidiano e como ocorre essa construção nas práticas discursivas do social. De acordo com Spink (2004), o sentido é algo constituído no social, nas relações entre os sujeitos, sendo que se adapta ao contexto histórico cultural, pois surge para lidar com as situações do mundo social. Os sentidos segundo o autor são constantemente produzidos na relação social entre os sujeitos e o meio. Formam-se de forma espontânea, através das linguagens produzidas no cotidiano e assim a partir destas construções é que conseguimos lidar com as situações do dia a dia.

3. MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, o presente estudo classifica-se como uma pesquisa exploratória e qualitativa com delineamento de um estudo de campo. A pesquisa exploratória busca uma maior familiarização com o tema a ser investigado, assim construindo novas hipóteses e ampliando o conhecimento científico. Para a obtenção dessa familiarização com o tema é necessário a realização de um estudo teórico aprofundado, e ainda, a aplicação de entrevistas com pessoas envolvidas no fenômeno que se pretende estudar (GIL, 1991, p.45). "A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]" (RICHARDSON, 1999, p.90). Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, pois não emprega na sua análise de dados instrumentos estatísticos, visto que faz uma exploração acerca de algo que não pode ser quantificado.

Em relação ao delineamento da pesquisa, o estudo de campo para Gil (2002, p.129), "inicia-se com um plano bem geral visto que este tipo de delineamento leva em consideração principalmente os objetivos da pesquisa". A seleção dos informantes e as estratégias para coleta de dados costumam ser definidas somente após exploração preliminar da situação (GIL, 2002, p.129).

3.2 POPULAÇÃO/ AMOSTRAS

Os participantes do presente estudo são seis adultos voluntários que passaram pelo processo de separação conjugal. A amostra foi composta por três homens e três mulheres requerentes no serviço de mediação familiar. Salientando que os requerentes são as pessoas que tem a iniciativa na procura pelo serviço. Optou-se por estes, pois acreditamos que o requerente por ter tomado a decisão tende a ter os motivos

da separação mais claros e objetivos. Estes participantes são usuários do Serviço de Mediação Familiar de um Fórum de Justiça da Grande Florianópolis.

O quadro a seguir mostra uma visualização das características de cada participante da pesquisa. Na primeira coluna apresentamos o nome, neste caso estamos usando nomes fictícios, sendo escolha de cada participante o nome que o está representando. A seguir demonstramos a idade de cada um deles, que varia de 22 a 43 anos. Também ilustramos o estado civil de cada um dos participantes, sendo considerado como divorciado aqueles casados no civil e separados os que mantinham uma união estável. O tempo de união dos entrevistados varia entre 4 a 16 anos. O tempo de separação oscila entre 3 semanas e 5 anos. E na ultima coluna ilustramos o número de filhos de cada participante.

Tabela I: Apresentação dos Sujeitos Participantes

Nome	**Idade**	**Estado Civil**	**Tempo de União**	**Tempo de Separação**	**Número de Filhos**
Elaine	43	Divorciada	16 anos	2 anos e meio	02
Ana	24	Divorciada	8 anos	1 ano	00
Beatriz	22	Separada	4 anos	3 semanas	01
Rafael	28	Divorciado	4 anos	5 anos	01
Pedro	25	Separado	8 anos	2 anos	02
João	34	Separado	12 anos	7 meses	02

3.3 COLETA E INSTRUMENTO DE DADOS

A coleta de dados foi realizada mediante a realização de entrevistas semi estruturadas, que segundo Gil (1994, p. 42), “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se

para sua retomada". Este instrumento foi utilizado nesta pesquisa, pois atende as necessidades dos objetivos deste estudo. Isto porque, esse instrumento permite aos entrevistados, a partir de perguntas abertas, construírem sentidos com suas respostas, a partir das suas práticas discursivas cotidianas (RICHARDSON, 1999).

A participação das pessoas para a entrevista foi voluntária. O contato com os participantes foi via telefone, onde foi realizada uma pré seleção dos requerentes que já passaram pelo serviço e os que ainda estavam em atendimento. Nessa pré seleção foram selecionados dez homens e dez mulheres requerentes. Desses vinte selecionados após contato telefônico, foram selecionados seis participantes, três homens e três mulheres. Foram agendados horários conforme disponibilidade de cada participante. As entrevistas tiveram duração de aproximadamente trinta minutos e foram realizadas na sala de atendimento do serviço de mediação familiar. No primeiro momento foram feitas explicações sobre a finalidade do estudo e as devidas assinaturas do termo de consentimento, autorizando assim a pesquisadora a apresentar os resultados obtidos com o estudo, sendo o participante avisado que sua identidade será mantida em sigilo. Com o objetivo de facilitar a análise de dados, foi utilizado um gravador com intuído de registrar as respostas dos participantes durante a entrevista, gerando assim a possibilidade de posteriormente transcrever e analisar na íntegra o desenvolvimento da entrevista. Para que este procedimento fosse realizado os participantes assinaram a um termo de consentimento, autorizando o pesquisador a realizar a gravação.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada de acordo com as técnicas desenvolvidas por Spink (2004) nos procedimentos metodológicos com as práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. A análise desta pesquisa foi realizada mediante a compreensão das práticas discursivas dos participantes durante a realização das entrevistas. Essas "práticas discursivas são as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discursos, ativamente produzem realidades psicológicas e sociais" (DAVIES e HARRÉ, 1990 *apud* SPINK, 2004, p.186). A entrevista é uma prática discursiva, pois é uma interação que se dá em um determinado contexto, com objetivos

claros e por meio da qual se “produzem sentidos e se constroem versões da realidade” (SPINK, 2004, 186).

A técnica que utilizamos nesta pesquisa para elucidar as entrevistas realizadas foram os mapas de associação de idéias, que “tem o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção lingüística dos repertórios utilizados nessa construção e da ideologia implícita na produção de sentidos” (SPINK, 2004, p.107). Segundo a autora os mapas auxiliam na interpretação das práticas discursivas dos entrevistados e facilitam a comunicação dos passos posteriores ao processo interpretativo.

Para Spink (2004), a elaboração dos mapas tem início com a definição das categorias atendendo aos propósitos dos objetivos, constituindo assim formas de visualizar as dimensões teóricas da pesquisa. Organizam-se então os conteúdos conforme as categorias, mantendo intacto o diálogo e a seqüência das falas de cada participante. “Os mapas não são técnicas fechadas” (p.107), mesmo que no início da técnica as categorias eram definidas em função dos objetivos da pesquisa, estas categorias no decorrer da análise podem sofrer modificações, tende a ocorrer sempre à interação da análise de conteúdo e elaboração das categorias (SPINK, 2004, p.107). A construção dos mapas “rompe com as formas usuais de análise categorial” (p.107), pois nesta construção o pesquisador tem de digitar a entrevista na íntegra, elaborar uma tabela onde irá conter colunas com relação ao número de categorias utilizadas e posteriormente realizar a transcrição de alguns conteúdos da entrevista para as determinadas categorias. Lembrando, que esta transcrição foi realizada seguindo sempre a seqüencia do diálogo (SPINK, 2004, p.107). Após a realização desses procedimentos foi possível uma maior visibilidade através do mapa de identificar as construções de sentidos nas práticas discursivas dos participantes.

3.5 DEVOLUTIVA

Ao final das entrevistas foi ofertada a cada participante a possibilidade de ter acesso aos resultados obtidos com a pesquisa. Quando foi manifestado interesse por parte de algum entrevistado, a pesquisadora se comprometeu em passar via email o site onde estarão posteriormente disponíveis todos os TCCs apresentados no semestre 2009/02. Para isso, a pesquisadora registrou o email de cada participante interessado.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No presente capitulo iremos abordar as apresentações e análises dos dados obtidos com as entrevistas realizadas, com o intuito primordial de relacionar os resultados colhidos em campo com o conhecimento científico já explanado na fundamentação teórica. A análise de dados foi realizada mediante o método da produção de sentidos proposto Spink (2004) com o intuito de entender os sentidos atribuídos aos motivos da separação. Como técnica de elaboração dos dados, utilizamos o mapa de associação de idéias, que proporciona uma maior visibilidade acerca dos sentidos que os participantes produziram sobre os motivos da separação conjugal. No entanto os motivos mencionados pelos sujeitos só adquirem relevância a partir da concepção de casamento que cada um produz, pois os sentidos que os indivíduos constroem de casamento estão diretamente atrelados aos motivos que cada pessoa produz a respeito do que leva a separação.

Como estamos tratando da dimensão subjetiva, como os sentidos produzidos sobre os motivos da separação, não podemos elaborar categorias objetivas e fixas. As categorias elaboradas para esta análise estão relacionadas aos sentidos que os participantes deixaram mais evidentes no momento das entrevistas referentes aos acontecimentos, nesse caso, o casamento, a separação e os motivos. Utilizamos o conteúdo mais evidente nas práticas discursivas dos entrevistados, pois o mesmo pode, por exemplo, ter o casamento como ideal de amor romântico em um momento e vivenciar também em outro momento diferente tipo de amor. Vale lembrar que todos os participantes só foram casados uma única vez, então todos mencionavam os sentidos baseando-se no primeiro e único casamento que vivenciaram. Cada participante se referiu ao casamento que já passou, e este sujeito não se encontra mais nesse momento, portanto o sentido de casamento, da separação e dos motivos para ele, vai estar baseado no momento em que foi vivido, e este ao responder a entrevista esta produzindo um sentido acerca daquele acontecimento passado, pois os sentidos são construídos no momento que os sujeitos enunciam suas práticas discursivas (SPINK, 2004).

Posteriormente explanaremos uma síntese dos sentidos construídos por cada participante, possibilitando ao leitor uma maior compreensão na análise dos dados.

ELAINE

Casamento: para a entrevistada Elaine o sentido produzido a respeito do casamento se remete a uma união única e eterna. Um casamento baseado no respeito, no companheirismo, na fidelidade e no romantismo. O companheirismo e o romantismo eram aspectos bastante apreciados por Elaine no início do seu casamento. Para ela o fato de os cônjuges saírem sempre juntos é uma coisa fundamental no casamento.

Conflito: o conflito em seu casamento foi desencadeado com o fato de o cônjuge não acompanhá-la mais em lugar nenhum, passou a sair sozinho, a permanecer nos bares durante toda madrugada enquanto ela trabalhava. Outro fato que gerou conflito também foi ele passar a ter vícios, a consumir drogas, gastando assim todo seu dinheiro com o vicio e com seus amigos dependentes, enquanto que Elaine tinha que trabalhar para manter a casa e a família. Para ela isso não estava certo, pois em um casamento ambos teriam que dividir as despesas e não sobrecarregar somente uma das partes, nesse caso ela. Elaine também culpabiliza a falta de projetos e objetivos em comum, visto que ela sempre desejou comprar uma casa, um carro, mas como dependia só da sua renda não conseguia, sendo que o salário dele era só para o vício e para gastar com os amigos. Ambos não tinham os mesmo desejos e isso por muitas vezes gerava desentendimentos, pois não havia parceria, nem companheirismo no qual ela esperava no casamento.

Motivos: o ponto auge do conflito e o principal motivo que desencadeou a separação foi quando rompeu a confiança, onde ele passou a roubar dinheiro e o cartão de crédito dela dentro de casa para alimentar seu vício. Isso de acordo com a prática discursiva de Elaine foi o fim do casamento, para ela a confiança é a base de um relacionamento.

Preconceito: na visão de Elaine a maioria das pessoas culpabilizam a mulher pelo fato de o casamento não ter dado certo, acredita que as pessoas pensam que se foi a mulher que se separou é por que é “vagabunda”. Para ela existe muito preconceito frente à separação. No sentido produzido por Elaine, os homens veêm a mulher separada como uma mulher “fácil” acham que só pelo fato de a mulher estar separada pode ter um caso com alguém até mesmo com homem casado. Elaine enfatiza que ela não foi educada para ser assim, que agora após a separação é que realmente vai escolher com quem irá se envolver. De acordo com contexto em que Elaine cresceu e foi educada, o casamento era vivenciado como uma coisa séria que tem de haver fidelidade entre os cônjuges. Ela acredita que não aceitaria uma traição e que se a pessoa é infiel é porque não gosta mais

do cônjuge. O sentido que Elaine atribui à traição é que é uma coisa que geralmente o homem que faz, acredita que é uma tentação do sexo masculino pelo sexo oposto. E pelo fato de ser essa "tentação" talvez aceitasse se acontecesse essa traição uma única vez, se fosse algo recorrente fala que não aceitaria.

Separação: para Elaine o fim do casamento significa o começo de uma nova vida, se remetendo ao fato de agora estar livre e não ter que dar satisfação a ninguém, que pode realizar as suas próprias vontades. Para ela a separação significou crescimento, no sentido de que agora consegue guardar seu dinheiro, vai comprar sua própria casa, coisa que antes quando casada não conseguiu adquirir nenhum bem material.

Expectativa de novo parceiro: procura por alguém romântico, que acompanhe ela nos lugares, que exista bastante dialogo na relação, alguém que ela possa realmente confiar e que seja fiel.

BEATRIZ

Casamento: para Beatriz a concepção de casamento seria uma união baseada na compreensão, no diálogo e na confiança. Para ela seu casamento seria eterno. Essa crença dela era devido ao fato de o marido desejar muito ter um filho e por ela ter concedido tudo o que ele mais queria, o filho, seu casamento duraria para sempre.

Conflito: para a participante o casamento acabou devido aos seus ciúmes excessivos, suas desconfianças e seu controle sobre seu cônjuge. Devido a esses ciúmes por parte dela eles acabavam tendo brigas freqüentes que duravam por dias. Acredita que o fato de ficar bisbilhotando o celular dele, mexendo em tudo o que pertencia a ele, questionando-o o tempo todo, fez com que ele cansasse daquela relação. Fala que jogava sempre na cara dele que ela estava acima do peso devido ter realizado o sonho dele, que era ter o filho. Beatriz relata que os principais motivos que contribuíram para o fim conjugal foram os ciúmes e desconfianças de infidelidade dela em relação ao cônjuge.

Motivo: ciúmes excessivos por parte dela, falta de companheirismo, desconfiança em relação a infidelidade do marido provocando brigas freqüentes.

Separação: relata que ele pediu a separação e ela veio oficializar juridicamente, mas que pela vontade dela eles permaneceriam juntos. Se culpabiliza o tempo todo pelo

término da relação. Acredita que com a separação aprendeu a dar mais valor para si, como mulher e como mãe

ANA

Casamento: o casamento significava uma vez só e seria vivenciado para sempre. O casamento de acordo com as práticas discursivas dela baseava-se no amor, na confiança e na afinidade existente entre o casal.

Conflito: distanciamento entre as partes por motivos profissionais, enquanto que um trabalhava durante o dia o outro executava seu horário de trabalho no período da noite, conseqüentemente pouco se encontravam e os poucos momentos que permaneciam juntos era vivenciado com muitas brigas entre o casal. Segundo Ana, seu esposo sempre começava uma briga por motivo nenhum e para ela, ele fazia isso para ter motivos de sair de casa. Com o tempo além das brigas ele passou a não a deixar ver seu celular, a mentir sobre os locais que ele freqüentava o que gerou desconfiança por parte de Ana.

Motivos: falta de confiança relacionada às atitudes que seu esposo estava apresentando, levando Ana a suspeitar de um caso extraconjugal. Outro motivo relatado por Ana foi a falta de proximidade dos dois e objetivos e pensamentos diferentes em relação a desejos a planos futuros.

Separação: ele saiu de casa e ela pediu a separação. Segundo a fala de Ana, no início ela sofreu muito pelo fato de ainda nutrir um sentimento de amor em relação ao cônjuge, mas agora esta super feliz e realizada. Atribui crescimento pessoal e profissional após a separação.

Expectativa novo parceiro: não tem expectativa e nem deseja se relacionar com alguém tão cedo, e se por ventura acontecer, que seja alguém que ame e que a respeite muito.

JOÃO

Casamento: para o participante João o casamento é significado de uma união constituída de diálogo e amor entre os cônjuges. Para ele o casamento seria eterno igual ao casamento dos seus pais, que para ele tem um significado de casamento ideal.

Conflito: sua esposa queria sair para se divertir com as amigas e ele achava que essa situação não era cabível a uma mulher casada. Chegando a conclusão de que pelo fato de ela ser mais nova que ele, os objetivos e os pensamentos são muito distintos. Ele não podia acompanhar ela nesses lugares, pois estava cansado por ter trabalhado o dia inteiro para garantir o sustento familiar.

Motivos: situação financeira relacionando ao fato de que se não tivesse que trabalhar tanto teria mais disponibilidade para acompanhar sua esposa nesses eventos que ela tanto desejava ir. Outro motivo mencionado por ele foram os objetivos em comum, isso ele relaciona a diferença de idade existente entre os dois, eram quase onze anos de diferença de idade, esses objetivos e desejos distintos geravam brigas freqüentes entre o casal, o que contribuiu ainda mais para o término.

Separação: ela teve o desejo de se separar, ele é que foi oficializar. De acordo com a fala de João, no início a separação gerou muito sofrimento, pois ainda existia amor por parte dele. Hoje já está melhor e relaciona a separação ao crescimento pessoal, pois passou a reconhecer a capacidade que ele tem de criar seus dois filhos sozinho, sendo que a guarda das crianças foi concedida a ele.

PEDRO

Casamento: para Pedro casamento era significado de uma união, onde o casal compartilhasse de objetivos em comum, existisse muito diálogo na relação e que fosse baseado no amor existente entre os cônjuges.

Conflito: a situação financeira ficou desfavorável gerando cobranças e brigas entre o casal, impossibilitando cada vez mais o diálogo.

Motivos: falta de diálogo desencadeando brigas freqüentes.

Separação: significou crescimento pessoal, visto que como o participante João, Pedro também passou a reconhecer sua capacidade em educar e criar seus filhos sozinho. Pedro igual a João também tem a guarda das crianças.

RAFAEL

Casamento: para ele o significado de casamento se remete a objetivos em comum. Segundo Rafael quando duas pessoas se amam e tem objetivos em comum devem constituir uma união.

Conflito: situação financeira desfavorável gerando cobrança e o desrespeito entre os cônjuges e os familiares dos cônjuges.

Motivo: falta de respeito, falta de diálogo e situação financeira ruim.

Separação: teve um significado de liberdade das responsabilidades financeiras e crescimento profissional.

A partir dessa breve síntese do que cada um dos participantes significou a respeito do casamento, da separação e dos motivos exploraremos adiante suas práticas discursivas fazendo a construção desses sentidos expostos por cada um deles.

4.1 SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO CASAMENTO PARA HOMENS E MULHERES

Este objetivo específico pretende identificar os sentidos que cada participante produziu acerca do casamento. Sendo que o sentido conforme Spink (2004) é construído de acordo com história que é vivenciada por cada sujeito.

Em um primeiro momento da entrevista todos os participantes falaram da forma como esperavam que fossem seus casamentos e como na realidade eram os seus casamentos. Com essa prática discursiva teve início a elaboração posteriormente dos motivos que levaram ao fim a união. Com isso foram levantados nas falas das pessoas alguns sentidos produzidos que englobam todos os significados considerados constituintes das concepções de casamento produzidos pelos participantes, sendo eles: Casamento baseado no diálogo, indissolubilidade, objetivos em comum, companheirismo, confiança e família. É válido ressaltar que esses sentidos foram

mencionados por alguns entrevistados da mesma maneira, assim como pra outros participantes, os sentidos tiveram diferentes construções.

4.1.1 Sentido de casamento atribuído ao diálogo

Casamento baseado no diálogo foi referenciado pelos seis participantes, onde para eles em uma união deve existir muita comunicação entre as partes e a falta de diálogo para a maioria dos entrevistados está relacionada à ocorrência de brigas freqüentes na relação. Alguns remetem a falta de comunicação entre as partes, como geradora de conflitos familiares, pois entendem que o diálogo é essencial para o funcionamento familiar. Isso fica explícito nas narrativas de alguns entrevistados:

> *"O casamento é uma união, onde o casal tem que compartilhar as mesmas coisas, ter objetivos em comum e ter muito diálogo entre os dois, por que diálogo é fundamental no casamento né? E que exista muito amor entre o casal"[...], [...] "De início o casamento era bem dialogado, a gente conseguia dialogar, conseguia conversar a respeito dos filhos e da casa. Mas depois do segundo filho já ficou mais complicado, por que a gente não conversava mais só brigava e isso fez com que fosse acabando" [...]* ***(PEDRO)***

> *[...] "Uma união que houvesse conversa sobre todos os assuntos, que existisse muito amor e que os dois ficassem juntos para sempre" [...], [...] "A minha mulher nunca tava satisfeita com nada, isso atrapalha muito. A gente conversava pouco, quando conversava era brigando" [...]* ***(JOÃO)***

Esse sentido construído pelos participantes vai ao encontro do que diz os autores Kaslow e Schwartz (1995), Jablonski (1998), Abuchaim (2007) e Porreca (2004), para eles a falta de diálogo e as brigas freqüentes são motivos que podem muitas vezes desencadear um fim na relação. Segundo Pedro o diálogo foi um fator importante que ocasionou a ruptura conjugal, pois para ele o diálogo era de grande importância, mesmo que essa comunicação fosse ligada somente a assuntos familiares, como a questão do funcionamento da casa e a situação dos filhos.

Para o entrevistado Rafael casamento baseado no diálogo está relacionado ao respeito entre os cônjuges, que no caso de sua experiência era ao contrário, pois a

comunicação entre o casal era baseada em xingamentos e humilhações. Isso fica explicito em sua fala: *[...] "a falta de respeito, porque é o respeito que une o casal. Um casamento significa respeito pelo outro. E a gente nem conversar conversava. Ela só falava comigo me xingando de malandro, de inútil, então isso para mim não é casamento" [...]* ***(Rafael)***. Para Rafael o respeito é o que une o casal é o que mantém a relação. Para ele a falta de diálogo associado à falta de respeito significa uma comunicação não simétrica, onde o outro só se comunica por meio de humilhações e desprezo. Para Reis (1992), uma união conjugal se baseia em uma relação de amizade entre o casal, onde haja respeito e companheirismo, gerando assim o diálogo e o respeito perante objetivos e projetos que ambos os cônjuges apresentam em comum ou não.

4.1.2 Sentido de Casamento atribuído à indissolubilidade

Indissolubilidade foi outro sentido apresentado em relação ao casamento. Os participantes trouxeram muitos ideais do que para cada um deles seria o casamento, alguns relataram que acreditavam que seu casamento seria para a vida toda e junto a esse casamento para sempre estava atrelado alguns requisitos que faziam parte da história e do contexto de cada um dos sujeitos. Para uma das participantes em um casamento as pessoas deveriam demonstrar afinidades, se amar e assim permanecerem juntas para sempre. Quatro participantes acreditavam que seus casamentos seriam eternos, remetendo aos ideais tradicionais do amor romântico, que para Giddens (1993) presume a idéia do casamento indissolúvel, baseado no amor, na idealização do parceiro e na realização conjugal. Para Araújo (2002) e Giddens (1993) a instituição casamento baseada pelo amor romântico impõem aos cônjuges que se amem ou que criem expectativas a respeito do amor e da felicidade eterna conjugal.

Para os participantes o casamento teria o sentido de indissolubilidade, sendo que aderem junto a este sentido outras construções para o casamento. Esse sentido exposto pelos sujeitos foi produzido de acordo com a história pessoal de cada um. O casamento como indissolúvel mencionado por eles se remete aos ideais sociais passados e conseqüentemente transmitidos no cotidiano. Pois de acordo com Spink (2004), os significados que produzimos está atrelado a essas vivências de cada sujeito. Isso fica explicitado na fala de alguns participantes: *[...] "Eu pensava antes que casamento era*

uma vez só, que era para vida toda. Casamento é quando duas pessoas têm afinidades, se amam , querem ficar juntas acabam se casando" [...] ***(ANA),*** *[...] "Uma união que houvesse conversa sobre todos os assuntos, que existisse muito amor e que os dois ficassem juntos para sempre" [...]* ***(JOÃO)***

> *[...] "Quando eu casei casamento para mim era para sempre. Porque a gente foi criada assim, de um respeitar o outro, viver junto para sempre, não trair o outro. Casei, era aquele o homem para o resto da minha vida" [...], [...] "No início do casamento a gente saia muito junto no começo, sempre saia junto com os filhos, onde a gente ia a gente levava os filhos junto. Dava certo, tava bom" [..]* ***(ELAINE)***

No sentido construído por Elaine acerca da concepção de casamento, pode- se perceber a influência da cultura, do contexto e da educação em sua fala, visto que esta relata que foi educada para vivenciar o casamento daquela maneira. Esse casamento para sempre e único construído por Elaine está atrelado ao respeito em relação à fidelidade conjugal. Conforme Matos (2000), a traição é vivenciada por muitas pessoas como uma ruptura do contrato entre os cônjuges, isso é claro, quando entre o casal ambos decidem conjuntamente pela relação exclusiva, que no caso da entrevistada Elaine essa relação exclusiva faz parte do sentido construído atribuído ao casamento. Outro sentido que Elaine atribui ao casamento é a questão do companheirismo, para ela o fato de ela e o marido saírem sempre juntos, de levarem junto a eles os filhos era vivenciado como uma situação agradável. Isso corrobora com o modelo de casamento citado por Mcfarlane (1990), durante os séculos XVIII e XIX, o casamento passou a ter como "premissas básicas o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges e a procriação não é o objetivo principal do casamento." Este era denominado de "casamento Malthusiano", os cônjuges passam a contrair um matrimônio por questões amorosas, por escolha de ambos, então a importância neste modelo de casamento passa a ser a relação do casal no matrimônio (MCFARLANE,1990 *apud* ARAÚJO 2002). Pode-se perceber de acordo com esse marco teórico que a entrevistada Elaine produziu alguns sentidos que se remetiam a esse amor, a essa forma de casamento proposto por Malthus lá no século XVIII.

O sentido construído pela entrevistada Ana remete ao casamento indissolúvel, com amor e afinidades, que significam de acordo com as práticas discursivas da mesma, objetivos e pensamentos compatíveis entre os cônjuges. Para o entrevistado João, o casamento seria vivenciado em toda sua vida, seria eterno, baseado no diálogo e no

amor. Esses sentidos construídos pelos participantes vão de encontro aos ideais de amor romântico defendido por Giddens (1993), onde se refere ao casamento vivenciado para sempre, ao ideal conjugal onde o outro é um ser perfeito para contemplá-lo com a felicidade plena. Nesse tipo de ideal do amor romântico o casamento é monogâmico, no sentido de exclusividade sexual entre os cônjuges.

Vale aqui salientar, que dos quatro participantes que significaram o casamento como indissolúvel, três são do sexo feminino e todas têm sua independência financeira, essa situação se aproxima do que diz Féres-Carneiro (1998), segundo a autora na sociedade moderna os ideais do para sempre estão sendo deixados de lado quando um casamento não proporciona mais satisfação aos cônjuges. A mulher com a sua independência financeira na contemporaneidade têm mais facilidade e estabilidade para romper com vínculo conjugal, por mais que ainda priorize nos seus ideais um casamento vivenciado para sempre, quando esta união não há traz mais felicidade tende a optar por um fim conjugal. Isso foi o que nossas entrevistadas apresentaram, todas significaram o casamento como eterno, no entanto esse casamento não estava satisfatório para elas o que levou ao fim.

4.1.3 Sentido de Casamento atribuído a Objetivos em Comum

O sentido produzido de casamento relacionado a objetivos em comum apareceu nas práticas discursivas de três dos entrevistados, eles remetiam objetivos em comum a projetos de vida em comum, pensamentos semelhantes, desejos e sentimentos parecidos. Uma das entrevistadas remete aos objetivos em comum o fato de ter planos, desejos e necessidades em comum. No seu casamento isso não aconteceu, visto que ela tinha necessidade e vontade de adquirir bens materiais, como uma casa, um carro, e o cônjuge não contribuía para isso, pois tinha outros objetivos e outras vontades. Isso fica explícito na fala da entrevistada:

> *[...] "Com o salário dele e o meu, a gente poderia ter uma casa só nossa, a gente mora no terreno da mãe dele, mas na verdade é da mãe dele, não nosso. Poderíamos ter comprado uma casinha, um carro, mas isso foi por água a abaixo, porque dependia só do meu salário, o salário dele ele gastava com outras coisas, com os amigos, vícios, e isso foi me cansando, foi me desgastando. Sabe você querer crescer e a pessoa não te deixa crescer,*

> *porque tu não consegue. Ele ajudava às vezes, mais vivia as minhas custas, tudo sobrava para mim. A gente tava brigando todos os dias e isso também contribuiu para que fosse acabando, acabando." [...]* ***(ELAINE)***

O sentido que esta entrevistada remete aos objetivos em comum nos faz pensar nas mudanças que a mulher vem vivenciando na sociedade. Nessa narrativa de Elaine, pode- se perceber que além de objetivos diferentes entre os cônjuges há uma transformação também dos papéis perante o interior familiar, onde antes o homem era visto como o único provedor familiar e a mulher caberiam as obrigações domésticas. Isso vai ao encontro do que relata Jablonski (1998), aonde o papel feminino, de esposa, mãe e dona de casa vem se transformando nas conjugalidades e essa mudança altera de alguma forma a configuração que se tem hoje de casamento.

O sentido produzido por João a respeito do casamento está ligado aos objetivos frente à vida, em relação a desejos e educação que foram vivenciados pelo entrevistado. Vale mais uma vez lembrar que segundo Spink (2004), os sentidos muitas vezes diferem devido ao contexto, a história de cada sujeito. Podemos observar essa construção na fala do entrevistado João:

> *[...] "Se trabalhava muito, não tinha tempo para sair com ela e ela queria sair, dizia que queria aproveitar a vida, porque ela é muito nova, eu tenho 34 e ela 26. Ela diz que não curtiu a vida, então eu disse vai curtir. Essa diferença de idade atrapalhou também o relacionamento, por que eu já não queria mais sair queria curtir a família e a casa já ela queria curtir a noite e as amigas. Na minha família quando a pessoa casa a pessoa casa, passa aí a viver para a família e eu vivo assim, ela não aceitava que eu não queria sair na noite." [...]*

João e sua esposa demonstram objetivos e vivências diferentes perante a vida. Ele atrela essa distinção de objetivos à diferença de idade entre os dois. No entanto essa postura dele pode também estar relacionada ao contexto, a cultura e a educação no qual vivenciou, portanto o sentido que ele revela de casamento atribuído aos objetivos comum remete a uma relação onde homem e mulher após contraírem o matrimônio devam ter "posturas, atitudes e desejos de pessoas casadas", isso foi construído de acordo com a sua história de vida. Esse sentido construído por João não adere ao que relata Féres-Carneiro (1998), pois para a autora em um relacionamento cada uma das partes tem sua individualidade, tendo desejo e vontades distintas e para viver uma união não devemos transformar nossos desejos individuais em requisitos para viver uma

conjugalidade. De acordo com Giddens (1993) as pessoas desejam atender a questões individuais com seus parceiros, mas vivenciando isso em uma relação conjugal.

4.1.4 Sentido de casamento atribuído ao Companheirismo

O sentido produzido remetendo o casamento ao companheirismo foi construído pelas três participantes do sexo feminino. Elas remetiam companheirismo ao fato de sair mais vezes junto com o cônjuge, desfrutar momentos de lazer junto ao outro, de um ajudar ao outro no sentido de uma relação de parceria. Para a entrevistada Elaine companheirismo está relacionado ao fato de estar sempre juntos, de acompanhá-la em eventos sociais e auxiliar no orçamento familiar. Esse sentido produzido por Elaine fica evidenciado em algumas falas da entrevistada:

> *[...] "o casamento tem que ser assim ó: sempre sair juntos, um ajudar ao outro no que for preciso. E nunca deixar de sair, porque daí vai acabando. O nosso foi acabando aos pouquinhos." [...]*, [...] *"Acho que casamento tu não precisa pegar no pé do teu marido, dizendo: ah me ajuda a pagar isso, paga isso no mercado, vamos dividir as coisas juntos? Ah vamos. Eu gosto assim, casamento é p/ tu dividir as coisas juntos, tem que ter parceria se não tiver termina o casamento. Se os dois trabalham os dois tem que comprar"[...]* ***(ELAINE)***

Os sentidos construídos por Elaine vão ao encontro do que diz Perlin e Diniz (2005), que nos relacionamentos contemporâneos as pessoas têm buscado um envolvimento emocional baseado no amor, no carinho, no respeito, na confiança e no companheirismo para assim vivenciar os desafios da rotina conjugal. "Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles" (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p.50). Na contemporaneidade com a independência feminina os casamentos não são categorizados com tanta freqüência como eternos, quando um relacionamento não gera mais prazer e satisfação para um ou ambos os cônjuges, tende a terminar (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Para Beatriz o companheirismo também se remetia a lazeres que ambos os cônjuges realizavam juntos. O sentido construído por ela sobre o companheirismo no casamento está relacionado ao fato de que em seu casamento isso existia. Para ela o

companheirismo era freqüente no seu relacionamento, mas se culpabiliza por ter tido atitudes que na visão dela, contribuíram para que toda essa parceria entre os dois acabasse. Isso fica explícito na fala da entrevistada:

> *[...] "antes o meu casamento era bom, a gente sempre saia juntos, ele sempre me fazia rir, eu sempre fazia ele rir, conversávamos bastante. Víamos muitos filmes juntos, isso era uma coisa que a gente adorava. Depois que eu comecei com meus ciúmes já não fazíamos mais esse tipo de coisas. Isso foi acabando com o casamento.Eu fui fazendo com que essas coisas não acontecessem mais.[...]"* ***Beatriz***

Para a participante seu casamento não durou para sempre por sua culpa. De acordo com a fala dela, ambos passaram a não desfrutar mais das situações que antes geravam tanto prazer para a relação, como fica exposto no relato acima. Vale aqui expor, que está culpabilização que Beatriz tanto remete a si sobre o fim conjugal, pode ser mais bem entendida já que para ela a separação não foi uma decisão tomada em conjunto entre os cônjuges. Pois no seu caso, foi o marido quem desejou romper o casamento, ela somente veio ao serviço de Mediação Familiar oficializar juridicamente a separação. Isso corrobora com o que diz Ávila (2004), que dificilmente ambas as partes envolvidas no relacionamento conjugal decidem em conjunto sobre o rumo da relação, neste caso a separação. Quando isso acontece, o cônjuge que tomou a decisão da separação tende a pensar no futuro, até porque para essa pessoa a idéia da separação, o porquê do rompimento já está mais formulado. A outra parte tende a ficar primeiramente, pensando no passado, no que não deu certo, no que poderia ser diferente.

De acordo com Irving e Benjamin (1987 *apud* ÁVILA, 2004, p.25), geralmente é a mulher quem realiza os primeiros procedimentos jurídicos para a obtenção da separação. Para os autores, os homens geralmente é quem abandonam e terminam a relação, no entanto as mulheres mesmo muitas vezes não concordando com a situação procuram resolver burocraticamente o fim da união, esse foi o caso da participante Beatriz.

4.1.5 Sentido de casamento atribuído à confiança

A confiança foi outro sentido atribuído ao casamento. Esse sentido foi produzido por três participantes do sexo feminino. Esses sentidos produzidos remetiam a confiança como fidelidade conjugal e para duas participantes a confiança também estava relacionada ao fato de o cônjuge compartilhar tudo que ocorresse em sua vida com a esposa. Podemos constatar esses sentidos nas práticas discursivas das entrevistadas.

> *[...] "Eu queria ajudar ele mas, ele começou a pegar o meu cartão, a roubar da minha bolsa sem eu saber.[...]" [...] "Aí eu descobrir e foi o fim, foi aí que a gente resolveu se separar. Antes eu não pensava em me separar, mas quando vi que ele começou a me roubar dentro da minha própria casa a confiança acabou.[...]" [...] "Quando a confiança acaba o casamento acaba. Porque tu esta vivendo junto, tem que confiar nessa pessoa" [..]* ***(Elaine)***

> *[...] "Eu já não confiava mais nele, com o tempo ele começou a mentir p/ mim, começou a esconder coisas de mim, isso ele nunca tinha feito antes. Tudo ele arrumava motivo para brigar. Ele brigava comigo sem motivo e escondia as coisas de mim" [...] [...] "Para mim o casamento tem que ter liberdade, mas eu não acho certo esconder coisas do outro, de não deixar ver o celular a carteira. Eu não confiava mais nele." [...]* ***(Ana)***

Para Elaine a confiança se remetia ao fato do marido se apropriar do dinheiro dela sem comunicá-la, sem questioná-la e isso no sentido produzido por Elaine sobre casamento é uma situação que não caberia acontecer. Pois segundo a participante, o casamento está diretamente relacionado à confiança, se não existe confiança, não existe casamento. Já para a participante Ana, o sentido de casamento atribuído a confiança, se remete a verdade que tem de existir entre os cônjuges. Para ela em um casamento homem e mulher não deveriam esconder nada entre si, deveriam compartilhar tudo o que vivenciam. Já para Simmel (1971 *apud* FÉRES CARNEIRO, 1998, s.p) as uniões onde um cônjuge deseja saber e compartilhar todas as individualidades do outro parceiro tende a desencadear muitas conseqüências para a relação, uma delas é ocasionar o fim conjugal. Segundo o autor os conflitos que freqüentemente surgem nas relações são devido a um ou ambos os cônjuges terem a união e o parceiro como um extremo ideal e no cotidiano conjugal ao se deparar com a realidade de cada um dos sujeitos as expectativas antes vivenciadas se transformam em frustrações perante a realidade o que muitas vezes desencadeia o fim conjugal.

O outro sentido atribuído a confiança produzido pelas três participantes mulheres está relacionado à fidelidade conjugal. Esse sentido fica explcito na concepção de casamento da participante Elaine e da participante Beatriz, no entanto para Ana os sentidos vão se produzindo no decorrer de suas práticas discursivas, sendo que a desconfiança pela infidelidade do marido foi um dos motivos desencadeadores da ruptura conjugal. Podemos verificar isso na fala das participantes.

> *[...] "Quando eu casei casamento para mim era para sempre. Porque a gente foi criada assim, de um respeitar o outro, viver junto para sempre, não trair o outro. Casei, era aquele o homem para o resto da minha vida." [...], [...] "o casamento é sério, pessoa casada é pessoa casada, jamais a traição. Se eu não quero que me traia, porque vou fazer isso"[...], [...] "A fidelidade é muito importante para mim"[...], [..] "Eu nunca passei pela traição, mas acho que talvez não aceitaria muito bem, porque se me traiu é que não gosta mais de mim"[..], [...] "Porque a traição vem muito do homem, porque as vezes é uma tentação, posso até perdoar uma vez, mas seria a primeira e ultima. Porque hoje em dia os homens traem as mulheres com uma, duas, três mulheres e a mulher aceita. Eu já não aceitaria."[...]* ***(Elaine)***

Para Elaine o sentido atrelado à confiança se remete a fidelidade conjugal. Para ela casamento é tido com exclusividade sexual entre um casal. O sentido de casamento se remete a fidelidade, sendo o respeito entre os cônjuges o fato de não fazer para o outro o que não deseja que faça para si. Ela remete ao casamento baseado no ideal do amor romântico descrito por Giddens (1993), onde nesse tipo de casamento a monogamia é um fator primordial na relação. O relacionamento é baseado, na confiança, no amor e no respeito. Os sentidos segundo Spink (2004) são produzidos de acordo com a vivência, o contexto de cada pessoa, para Elaine a traição é significada como algo mais vivenciado pelos homens, relacionando-a a tentação frente ao sexo oposto. Para a participante a traição seria perdoada se ocorresse somente uma vez, caso fosse uma situação recorrente esta não aceitaria. Isso vai ao encontro do que diz Matos (2000) no que se refere aos ideais contemporâneos de relacionamento, onde com o movimento feminista vivenciando a simetria entre homens e mulheres, tem tornado a infidelidade uma questão cada vez menos aceita pelas mulheres, pois de acordo com o autor, o fato de ocorrer à infidelidade em uma relação configura-se com uma quebra no contrato estabelecido entre os cônjuges, claro que isso para casais que decidem conjuntamente viver a monogamia. Esse é o caso da participante Elaine que considera como sentido atrelado ao casamento à fidelidade entre o casal.

A participante Beatriz também produz o sentido de confiança relacionada à fidelidade conjugal. Para ela o casamento também deve ser constituído de respeito, confiança, compreensão e diálogo. Vamos verificar essa produção nas práticas discursivas abaixo:

> *[...] "É uma união que tem que ter compreensão entre um e outro, tem que existir dialogo. No casamento a gente tem que ter confiança um no outro, não trair o outro, ser fiel e respeitar Eu imaginava que o meu casamento era para sempre." [...], [...] "tenho medo, de me envolver com outra pessoa e essa pessoa me trair, por mais que o meu marido jure que nunca fez isso pra mim. Se ele tivesse me traído eu não sei como eu reagiria, porque eu amo tanto ele, eu sou louca por ele. Eu até voltaria mas acho que não seria a mesma coisa, porque a desconfiança iria piorar."[...]* ***(Beatriz)***

Para Beatriz o sentido que primeiramente remete ao casamento é a uma união onde haja fidelidade entre os cônjuges, posteriormente na sua fala ela evidência que por amor até perdoaria um caso extraconjugal do parceiro, mas acredita que esta atitude iria gerar desconfiança em um casamento, o que contradiz com o sentido e a concepção que antes a mesma tinha produzido acerca da fidelidade e da confiança remetidas ao casamento. Para a entrevistada Ana o sentido de casamento também detinha a fidelidade na união, podemos compreender isso na fala da participante:

> *[...] "Eu pensava antes que casamento era uma vez só, que era para vida toda. Casamento é quando duas pessoas tem afinidades, se amam , querem ficar juntas acabam se casando."[...], [...] "foi desconfiar que ele estava me traindo. Nunca peguei nada, mas depois, a gente conversando eu tirei uns verdes, descobri que ele tinha me traído durante o casamento. Isso para mim foi o fim, casamento tem de ser fiel ao outro.Se ama o outro não trai"[...]* ***(Ana)***

Para Ana o casamento é baseado no amor entre duas pessoas e no decorrer de suas práticas discursivas ela apresentou a importância que a fidelidade tem em sua construção do significado de casamento. Para ela amor e fidelidade estão interligados e são constituintes também do casamento. No sentido produzido por Ana, quando uma pessoa trai o parceiro é porque esta pessoa não o ama. Isso vai ao encontro do que Araújo (2002) menciona na relação existente entre amor e fidelidade, para a autora muitas vezes quando um casal decide formar uma união é por que estes se amam, sendo assim, alguns não permitem que ocorra uma relação extraconjugal no matrimônio o que por ventura para esses cônjuges poderia significar a falta de amor.

É importante frisar, que não foi mencionado por nenhum dos homens o sentido de casamento relacionado à confiança.

4.1.6 Sentido de casamento atribuído à família

O sentido de constituição de família relacionado ao casamento foi produzido por três participantes, sendo dois homens e uma mulher. Os sentidos remetidos ao casamento ligado diretamente á família foi diferente para os três participantes, sendo que João vincula seu ideal de casamento baseado na união que seus pais vivenciam. É como se o ideal de casamento dele fosse um espelho do relacionamento entre seus pais, onde nessa relação à mulher se submeta ao homem e cuide com muito amor da casa, dos filhos e do marido, que supra os desejos e vontades do seu marido. Essa constatação vai ao encontro do que diz Perlin e Diniz (2005) que por muitos anos coube a mulher o papel de se dedicar exclusivamente ao lar, aos filhos e as necessidades do marido e ao homem era designada a função de provedor da família, o chefe do lar. Com o movimento feminista os papéis de homens e mulheres passaram por transformações, passando a mulher a ter mais autonomia e independência, não tendo assim que se oprimir frente ao homem, tendo seus desejos e vontades realizados. Esse sentido construído por João foi produzido mediante ao que ele presenciou no decorrer da sua vida, a relação de casamento entre os seus pais. Conforme Spink (2004) essa vivência está relacionada à construção que ele significou o casamento. Isso fica explícito na fala de João:

> *[...] "Uma união que os dois ficassem juntos para sempre. Igual ao do meu pai e da minha mãe" [...],[...] Eu sempre falei para o meu pai: - mulher igual antigamente não existe mais, não cuidam mais tanto da casa e do marido. Eu é que tinha que fazer quase tudo em casa e para os meus filhos"[...][...] "Mulher tinha que ser igual a minha mãe, ela era simples fazia tudo para o meu pai."[...], [...] "Eu achava que mulher tinha que ser assim: fazer as coisas para o marido, cuidar da casa, o marido não ter que ficar pedindo nada." [...]* ***(João)***

Para João a mulher deveria se dedicar mais a casa a família e ao esposo. Remete-se ao casamento dos pais denominando-o de casamento ideal. Essas constatações nos

sentidos produzidos por João vai ao encontro do que Araújo (2002) menciona a respeito da ascensão das mulheres frente à sociedade, para o autor na contemporaneidade as mulheres lutam cada dia mais por um espaço mais simétrico entre os sexos, isso conseqüentemente provoca algumas transformações em relação à vida sexual, afetiva e profissional de muitas mulheres. Essas transformações no ser feminino tem provocado algumas mudanças no casal dentro do contexto do casamento. Com o movimento feminista a visão que se tinha dos papéis designados aos homens e das atribuições que cabiam a mulher desenvolver, passaram por severas mudanças. A transformação do papel do homem frente á cultura e a sociedade geraram muitas incertezas no ser masculino. Além de destituir parte de um poder que já se considerava implícito, gerou dúvidas a respeito da sua identidade social. "Isto fez com que homens não apenas se sentissem perdendo seu papel de gênero, ou então tendo que se adaptar a uma nova masculinidade [...]" (p.151), mas os colocando em uma situação vivenciada somente por mulheres, uma sensação de não pertencimento, de exclusão. No entanto toda essa vitória do movimento feminista ainda não foi o suficiente, pois ainda na sociedade contemporânea avistamos algumas mulheres sofrendo pelo fato de o homem muitas vezes exercer total controle e autoridade, dentro de casa ou até mesmo no local de trabalho. Alguns homens ainda continuam detendo o poder absoluto sobre sua esposa, mantendo esta submissa aos seus desejos. Lembrando, que o movimento feminista contribuiu e muito para a questão da igualdade entre os sexos, no entanto algumas pessoas ainda seguem a visão da sociedade tradicional (FONSECA, 2004, p.151).

Já para Pedro, o casamento se remetia a constituição de família visto que a união se originou fruto de uma gravidez inesperada. Fato esse que fez com ambos os cônjuges resolvesse se casar. Isso fica explícito na fala de Pedro:

> *"O casamento é uma união, onde o casal tem que compartilhar as mesmas coisas, ter objetivos em comum e ter muito diálogo entre os dois, por que diálogo é fundamental no casamento né? E que exista muito amor entre o casal.[...], [...] "O casamento para mim veio através de uma gravidez não esperada. Na época a melhor maneira que a gente achou era o casamento, se juntar, criar o filho e tentar uma vida a dois." [...]* ***(Pedro)***

O sentido construído acerca do casamento para Pedro estava baseado no amor, na existência do diálogo e que ambos os cônjuges tivessem objetivos em comum. Para este participante a família passou a fazer parte do significado de casamento após uma gravidez inesperada, que fez com que ambos os cônjuges optassem pelo casamento. De

acordo com Norgren (2004) a família tem um significado muito importante da vida dos indivíduos e a constituição da família faz parte da união conjugal. No caso de Pedro, o surgimento do filho é que fez com que a união se concretizasse, antes eles apenas vivenciaram uma relação casual e com a presença do filho eles tentaram transformar esse relacionamento casual em algo estável, no entanto mesmo com a existência de um filho o casamento não perdurou. Pode-se subentender a partir do tempo curto de convivência entre ambos os cônjuges que estes poderiam não estar preparados para a aquisição de novos papéis, tanto conjugais como também familiares (CANAVARRO e RAMOS, 2007).

Para Beatriz seu casamento seria vivenciado para sempre, pois pelo fato de juntos terem um filho e este filho ser a realização do sonho de seu ex marido, ela acreditava que com isso seu casamento nunca iria ter fim, pois ela "deu ao marido" tudo o que ele queria na vida, um filho. Nas narrativas da participante pode-se perceber que para ela a vinculação de casamento e família contribuiria para que sua união conjugal permanecesse eternamente. Essa constatação vai de encontro ao que diz a literatura, pois segundo Roudinesco (2003) o casamento é um fenômeno vinculado, para muitas pessoas, a constituição de uma família, torna-se algo representativo. De acordo com as práticas discursivas de Beatriz, pode- se compreender que o desejo de ter um filho era por parte do seu parceiro, ela apenas realizou um desejo dele acreditando assim que esta atitude garantiria um casamento indissolúvel. Para Fonseca (2004) muitas vezes o desejo vinculado ao homem de se tornar pai pode estar relacionado a uma necessidade própria de garantir, de sentir sua virilidade. Podemos compreender essa produção verificando o relato produzido por Beatriz: *[...] "como tem um filho no meio achei que era para sempre. Porque eu dei tudo o que ele mais queria, então eu achei que era para sempre." [...]* ***(Beatriz)***

Diante das produções de sentidos mencionadas pelos participantes pode-se perceber que a concepção de casamento para homens difere da concepção de casamento para mulheres, fato este já mencionado anteriormente no marco teórico deste trabalho onde Muszkat *et al* (2008), relatam que homens e mulheres dependendo do meio, do contexto onde estão inseridos apresentam muitas diferenças entre si. O casamento como indissolúvel, por exemplo, foi mencionado por todas as mulheres e por apenas um homem. O casamento atribuído a confiança e ao companheirismo foi produzido somente pelos participantes do sexo feminino e estas também se remetiam ao casamento como sendo eterno, seguindo ideais do amor romântico, mencionado anteriormente por

Giddens (1993). Essas diferenças existentes na produção dos sentidos estão relacionadas conforme Spink (2004) a educação, a cultura, ao meio, no qual cada um desses indivíduos estão inseridos.

4.2 IDENTIFICAR OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A SEPARAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES

Este objetivo específico pretende identificar os sentidos que cada participante produziu acerca da separação. Levando sempre em consideração o que diz Spink (2004), que esta construção do significado para cada pessoa está totalmente atrelada à história que cada um vivenciou e ao meio no qual ela esta inserida. Os sentidos construídos sobre a separação mais evidentes expressados pelos participantes foram: sofrimento, crescimento pessoal e/ou profissional. Cabe aqui ressaltar que foram agrupados e nomeados os diferentes sentidos expostos por cada participante sendo posteriormente explícitos no decorrer deste trabalho.

4.2.1 Sentido atribuído a separação como Sofrimento.

Este sentido foi produzido por três dos seis participantes, sendo duas mulheres e um homem, e para todos eles o sofrimento gerado pela separação está relacionado ao amor existente pelo cônjuge após o processo de separação. Salientado que, esses participantes tiveram a iniciativa de oficializar juridicamente a separação, no entanto não foram eles que romperam definitivamente a relação e sim seus respectivos parceiros.

Podemos visualizar esses sentidos produzidos por esses três participantes nos relatos de cada um:

> *[...] "Foi ela quem quis se separar eu vim para oficializar" [...], [...] "Para mim foi bem difícil a separação, fiquei uns 2 meses bem mal."[...], [...] "Pena né?eu queria q tivesse sido para sempre, porque pra mim ainda existia amor."[...], [...] "A separação foi muito ruim para mim. Só sabe quem passa, é um troço muito ruim. fiquei bem jogado as traças. Eu não*

> *tinha vontade pra mais nada, parece que acabou o mundo assim, por que eu não sabia mais o que fazer quem eu era. Tem muita gente aí que faz um monte de besteira, porque não tem a cabeça no lugar né? A separação é ruim cara, é bastante ruim. Hoje já to melhor"[...]* ***(João)***

> *[...] "Eu sofri muito com a separação porque eu gostava muito dele, e sempre achava eu tinha chance de ele mudar, mas na verdade não acontecia isso"[...], [...] "ele queria sair de casa só, não queria se separar no papel, mas daí não dava né, isso para mim não era certo e vim aqui oficializar".[...]* ***(Ana)***

> *[...] "Ele que pediu a separação e eu vim oficializar. Mas eu não queria me separar. Eu fiquei muito mal quando ele saiu de casa, por que eu ainda amo muito ele, fiquei muito perdida sem ele por perto. Não achei que o nosso casamento ia acabar. Achei que a gente ia ficar juntos para sempre. [...] "Eu tive que apanhar, tive que sofrer, no sentido da separação para eu aprender a dar mais valor pra mim mesmo, para aprender a dar mais valor, a ser mais mulher ser mais mãe."[...]* ***(Beatriz)***

Para esses três participantes a separação foi significado de sofrimento, isso devido ao amor ainda existente pelo cônjuge e a expectativa de um casamento que para eles seria eterno. Para João e Beatriz a separação fez relação com o sentido de casamento que cada um construiu, a separação significou o rompimento daquele ideal de único e eterno do amor romântico. O sofrimento produzido pelos participantes vai ao encontro do que diz Berger e Kellner (1970 apud FÉRES-CARNEIRO 1998, p.7) "a separação provoca no casal um sentimento de fracasso, impotência e perda", pois para Féres-Carneiro (1998), o casamento é uma união que faz junção de duas individualidades, tornando-se assim uma só conjugalidade, tendo por vez uma "identidade conjugal". Com a separação essa relação que se formou se rompe, tendo que cada um dos cônjuges construir novamente sua identidade individual. De acordo com Giusti (1987) o rompimento do vínculo conjugal gera um sofrimento ainda maior quando as pessoas iniciam seus relacionamentos conjugais achando que esses durariam eternamente, quando existe esse ideal de que o casamento é um vínculo indissolúvel, isso reflete nos sentidos construídos para esses participantes mencionados acima.

Esse sofrimento diante da separação expresso por esses três participantes pode-se relacionar com o que foi constatado nos estudos Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), eles verificaram que no momento da separação as pessoas tendem a manifestar algumas características emocionais e psicológicas que fazem parte do momento e da situação que esta ocorrendo, neste caso, a dissolução do vínculo conjugal. Neste estudo foi constatado que existem diferenças em relação ao sofrimento vivenciado pelos

homens e o sofrimento vivenciado pelas mulheres após o rompimento conjugal, no entanto ambos podem presenciar a dor física, pois para os autores "a dor da separação é, com freqüência, fisicamente sentida" (p.1).

Na situação desses três participantes foi o cônjuge que decidiu romper com a relação e isso pode ter contribuído para a produção desse sofrimento expresso pelos participantes. Essa situação vai ao encontro do que Ávila (2004) menciona de acordo com a autora, dificilmente ambos os cônjuges entram em um acordo conjunto sobre o fim da relação, é comum uma das partes apresentarem um maior desejo e mais pressa para por um fim no vínculo conjugal. Assim, o cônjuge que tomou a decisão vivencia esta separação, este luto decorrente desta ruptura a mais tempo do que a outra parte, apresentando-se assim mais preparado para esse término. Então a pessoa que tomou a decisão se projeta para o futuro, deixando a união no passado. O outro cônjuge que foi acometido pela decisão sem participar dela pensa no passado, no que não deu certo, no que poderia ser realizado diferente. Essa constatação de Ávila (2004) se mostra entrelaçada com a produção dos sentidos construídos por esses três participantes em relação ao significado da separação.

4.2.2 Sentido atribuído a separação como crescimento profissional e/ou pessoal.

Esse sentido foi produzido por todos os participantes de diferentes modos, pois uns relacionam a separação ao crescimento profissional, outros ao crescimento pessoal construído com a separação e ainda para alguns a separação significou crescimento pessoal e profissional ao mesmo tempo. Esta ruptura conjugal fez com que alguns dos participantes produzissem sofrimento como dito anteriormente, mas esses mesmos participantes obtiveram crescimento diante desse sofrimento vivenciado. Assim como outros participantes diante da separação, dedicaram-se a projetos profissionais antes não concedidos devido ao casamento. Podemos compreender melhor esses sentidos produzidos acerca da separação diante das falas de cada um dos participantes: *[...] "Eu tive que apanhar, tive que sofrer no sentido da separação para eu aprender a dar mais valor pra mim mesmo, a ser mais mulher, aprender ser mais mãe. Hoje vivo de outro modo, tenho outros pensamentos a respeito da vida" [...]* ***(Beatriz)***. Para Beatriz a

separação significou sofrimento, no entanto por meio dessa situação ela pôde aprender a se valorizar mais, esse sentido produzido por ela se remete ao fato de ela se cuidar mais e poder perceber o quanto é capaz de criar seu filho. Beatriz obteve com a separação um crescimento pessoal, pois diante de suas práticas discursivas ela passou a ver o mundo de outra forma. Já para a participante Ana, a separação significou crescimento profissional junto a crescimento pessoal, pois segundo o relato da mesma, após o rompimento conjugal ela passou a dedicar-se mais nas questões profissionais e investir mais nos seus estudos, coisa que antes mesmo trabalhando e estudando Ana acreditava que não se dedicava muito para isso, pois havia a existência do marido e da casa, o que para ela gerava extrema dedicação. Podemos compreender melhor esse sentido construído por Ana através do seu relato:

> *[...] "Após a separação Estou me dedicando no trabalho e no estudo, quero correr atrás do tempo que perdi, e eu levo como aprendizado"[...], [...] "Com a separação Minha vida mudou bastante eu tinha o meu trabalho, mas mesmo assim eu vivia mais para o marido e para a casa. E hoje não, em um ano eu arrumei mais amigas e amigos do que eu tinha na época que eu era casada. Eu já tinha recebido uma proposta no meu trabalho, antes e não tinha aceitado porque eu era casada, agora aceitei. Minha vida melhorou bastante em todos os sentidos, no financeiro, no trabalho, nos estudos, relacionamento com as pessoas, tudo mudou. Até porque ele era muito fechado e eu sempre fui muito comunicativa, e ele não gostava muito disso. Então eu tentava ficar mais na minha por causa dele. Não que eu deixava de ser quem eu era, mas mudei bastante Quando me casei e hoje voltei a ser como eu era antes.To bem melhor, to feliz."[...]* ***(Ana)***

Para Ana a separação trouxe muitas mudanças em sua vida, isso no âmbito pessoal, profissional como também no social, acredita que sua vida foi acometida de melhorias em todos os sentidos. Para ela o rompimento conjugal fez antigas oportunidades profissionais aflorarem, sendo com a separação atendidas. Pois, pelo fato de estar casada e de ceder aos desejos do marido não foi atrás da sua realização profissional. Isso vai ao encontro do que relata as autoras Peck e Manocherian (1995) elas dizem que muitas vezes a separação se transforma em estímulo de crescimento pessoal de certa maneira, coisa que antes quando casada não era cabível. O que as autoras trazem se relaciona muito com o sentido produzido por Ana, visto que no casamento ela se moldou de acordo com o modo de ser que seu marido era e desejava que ela fosse, o que a fez deixar de lado seus projetos e até mesmo seu jeito de ser, visto que ela menciona que deixou até de se relacionar muito com as pessoas, pois como seu

marido não era descontraído e nem comunicativo ela agia da mesma maneira para agradá-lo. Então o sentido construído com a separação está baseado nessa busca de objetivos, antes deixados de lado.

Para a participante Elaine a separação significou um início de uma nova história que abre diversos caminhos a serem percorridos. Para ela a separação trouxe crescimento pessoal junto ao profissional no sentido de que antes ela não conseguia adquirir e realizar nada dos seus desejos, visto que tinha que manter todas as despesas familiares e da casa. Sendo que seu marido não contribuía para isso, e sim gerava mais despesas com os vícios existentes. Para Elaine a separação se remete a liberdade, pois antes essa se sentia sobrecarregada financeiramente. Com a separação Elaine viu novas possibilidades em sua vida, como realizar o desejo de construir sua casa. Ela atribui esse desejo irrealizável antes no casamento a falta de ânimo perante a situação, pois mesmo sendo casada teria que adquirir a casa sozinha e para ela isso não é o significado de casamento. Podemos compreender isso através da fala produzida pela participante:

> *[...] "É um começo de uma nova vida. Agora posso construir uma coisa nova.. To mais livre, posso fazer o que eu quero], [...] "Com a separação eu cresci mais, eu consigo guardar dinheiro, antes eu não conseguia, vou comprar minha casa agora, antes eu não conseguia, porque também não tinha ânimo era só eu."[...]* ***(Elaine)***

Podemos relacionar essa construção de Elaine ao que diz Perlin e Diniz (2005), para as autoras a independência financeira da mulher faz com que muitas mulheres se sintam sobrecarregadas, visto que tem que trabalhar fora e ainda realizar todos os afazeres domésticos, como cuidar da casa, dos filhos e do marido. Portanto muitas mulheres hoje passaram a assumir papéis que antes eram designados somente aos homens, mas mesmo com essa nova execução a mulher não deixou de ser a responsável também pelo funcionamento do lar e da família, isso muitas vezes gera cansaço. Para a entrevistada Elaine essa sobrecarga financeira ocasionou desgaste no seu casamento, visto que era ela a única provedora familiar e o que ela desejava na relação era uma simetria dos papéis.

Para o participante Rafael a separação teve como conseqüência o crescimento profissional, para ele esse crescimento se remete ao fato de que antes não tinha a colaboração da esposa, visto que ela o cobrava de participar dos cuidados em relação à

filha. Para ele esse cuidado era papel dela, visto que ele era o provedor financeiro familiar. Ele teria de cumprir seus objetivos e a ela caberia o papel de cuidar da casa e da família. Isso fica mais bem compreendido mediante a fala de Rafael:

> *[...] "O financeiro depois que nos separamos melhorou muito para mim, antes eu dava aula, hoje eu tenho uma empresa de uniforme. Eu melhorei e ela continuou na mesma, antes eu não tinha apoio dela. minha filha tem muitos problemas de saúde então às vezes eu passava a noite acordado junto sendo que tinha que ter um período de descanso para poder acordar no dia seguinte tranqüilo, para render no trabalho. Eu estudava, tava cursando matemática, aí tive que trancar, se ela tivesse dado apoio assim: eu cuido das casa, das minhas coisas e da coisa da casa e tu batalha pelo teu estudo que vai ser o nosso futuro, assim teria uma situação muito melhor. O papel dela era cuidar da casa e da nossa filha e o meu era de sustentar a casa, então eu não poderia fazer as duas coisas." [...]* ***(Rafael)***

Esse sentido construído por Rafael se aproxima dos papéis tradicionais mencionados por Perlin e Diniz (2005) de acordo com as autoras, por muito tempo as mulheres foram referenciadas com um papel importante na vida familiar. A elas caberia a procriação, o cuidado com o funcionamento do lar, dos filhos e o bem estar do marido, enquanto que a este, o papel designado era de provedor financeiro da família. Para Rafael a separação significou melhora na situação financeira, pois não tinha mais o comprometimento e a responsabilidade da vivência familiar, dedicando-se exclusivamente ao seu sucesso profissional. Enquanto que segundo as práticas discursivas dele ela, a esposa, encontra-se na mesma situação de desempregada, visto que a ela ainda coube o papel e a responsabilidade de cuidadora do filho após a separação, criança esta que foi fruto do relacionamento entre os dois.

Para o participante Pedro o sentido de casamento está relacionado ao crescimento pessoal, visto que a separação trouxe na vida dele um reconhecimento da capacidade que ele tem na educação e na criação dos filhos. Para Pedro a decisão da separação também significou medo em relação à guarda. Pois Pedro tinha anseio de que essa ruptura conjugal o afastasse dos filhos. Podemos compreender melhor esse sentido construído por Pedro através do seu relato:

> *[...] "A separação fez com que eu saísse de um relacionamento que eu não estava feliz e também me fez ver que eu sozinho poderia manter meus filhos, e é o que esta acontecendo [...], "Eu tinha medo antes da separação de me separar ou de ficar muito longe dos meus filhos ou tentar ficar com eles e não conseguir. Então hoje em dia não, eles estão morando comigo hoje, eu*

> *que tenho a guarda das crianças e percebo a capacidade que eu tenho de cuidar deles."[...]* ***(Pedro)***

Nesse sentido produzido por Pedro podemos perceber a transformações de papéis ocorridas na sociedade, pois até o século XVIII esse papel da criação e da educação dos filhos caberia a mãe e não exclusivamente ao pai, como é exposto na experiência de Pedro (PERIN E DINIZ, 2005, p.34). Esse sentimento de medo frente à separação exposto por Pedro vai ao encontro do que diz Ávila (2004), alguns pais diante da ruptura conjugal se sentem inseguros por receio de terem seus filhos afastados, dessa separação provocar um distanciamento entre eles. Isso foi o que aconteceu com Pedro, esse sentimento surgiu no momento da decisão, no entanto como a guarda das crianças foi concedida a ele essa insegurança passou e o que perdurou foi reconhecimento próprio da capacidade de educar e criar dignamente seus filhos.

Já para João a separação significou inicialmente algo muito doloroso, para ele o casamento era a base que o sustentava, rompendo essa base ele ficou sem saber o que fazer. Cabe aqui lembrar, que para João seu casamento seria eterno, isso pode justificar também esse processo tão sofrido que João remete a separação. Essa experiência de João se aproxima ao que fala Carter e Mcgoldrick (1995), para eles a ruptura conjugal traz muito sofrimento a algumas pessoas que a vivenciam, junto a esse sofrimento esta atrelado a frustração e a desilusão em relação à própria vida. Segundo os autores, na separação vivenciamos um luto emocional, pois ocorre uma perda daquilo que idealizamos em relação ao cônjuge e ao casamento. Como no caso de João o casamento para ele seria para sempre a separação certamente ocorreu gerando muito sofrimento, pois de acordo com Giusti (1987), quando a pessoa acredita que o casamento é um vínculo indissolúvel, a separação se torna uma ocorrência muito mais dolorida, gerando ainda mais sofrimento. Outro fator associado posteriormente a separação de acordo com João, foi o crescimento pessoal atrelado a satisfação e ao reconhecimento próprio de conseguir educar e criar os filhos sozinho. Na contemporaneidade podemos perceber a transformação social que vem ocorrendo, pois dois dos entrevistados detém a guarda de seus filhos e os dois obtiveram com a separação o crescimento pessoal atrelado ao reconhecimento da capacidade de serem responsáveis pelos cuidados diários de seus filhos. Isso fica explícito no relato produzido por João:

> *[...] "A separação foi muito ruim para mim. Só sabe quem passa, é um troço muito ruim. Fiquei bem jogado as traças. Eu não tinha vontade pra mais nada, parece que acabou o mundo assim. A separação é ruim cara, é bastante ruim. Hoje já to melhor, eu tenho meus filhos do lado, eles são meus amigos. Os meus filhos são tudo pra mim. Fico feliz por que percebi depois que me separei como eu dou conta de cuidar dos meus filhos, sou hoje responsável por tudo o que relaciona a eles, hoje eu me orgulho de ser um pai e uma mãe, bem dizer, dos meus filhos." [...]* ***(João)***

Isso nos remete ao que diz Clouter e Jacques (1997 *apud* ÁVILA, 2004), a separação está vinculada a uma nova realidade, a família mono parental. É constituinte muitas vezes dessa nova realidade de família, o estresse econômico, pois a parte que irá deter a guarda do filho terá de manter junto à pensão da outra parte os gastos e necessidades da criança; a diminuição dos contatos entre certos integrantes na família, no caso a parte que não detém a guarda tende a ter mais afastamento da convivência com os filhos; o aumento das responsabilidades de quem está com a guarda e a possibilidade de aparecer novos membros na união, no caso de uma namorada ou um namorado do pai e da mãe. Esse contexto da família mono parental é muito evidenciado nas práticas discursivas de Pedro e João, visto que ambos hoje detêm a guarda dos seus filhos. Em relação ao aparecimento de novos membros na relação podemos destacar o que cada um mencionou: *[...] "Nunca tive nenhum preconceito de ninguém, quando falo para alguém que sou separado. Já falo que tenho dois filhos também. E essa pessoa tem de aceitar e gostar dos meus dois amores." [...]* ***(João)***

> *[...] "Primeiramente, que essa pessoa venha a entender o meu lado, no caso que eu sou uma pessoa separada com dois filhos e que ela não venha só quere algo de mim, mas sim que espere algo dos meus filhos também, porque não é só eu, é eu mais os meus dois filhos."[...], [...] "Alguém que venha compreender a minha pessoa junto aos meus filhos."[...]* ***(Pedro)***

Pode-se perceber nas narrativas desses participantes o quanto importante os filhos são em sua vida. A expectativa frente a uma nova companheira esta atrelada a relação desta pessoa com os filhos deles já existentes.

Foi possível verificar mediante as práticas discursivas dos entrevistados que a separação teve em diferentes momentos distintos significados, visto que inicialmente para alguns a ruptura conjugal significou sofrimento mediante a situação inesperada e

pela existência do amor pelo cônjuge. Mas posteriormente esses participantes já remeteram a separação um significado de crescimento pessoal e/ou profissional. Portanto de acordo com as falas dos participantes a separação apresentou um lado positivo também na vida de cada um.

4.3 IDENTIFICAR OS MOTIVOS ATRIBUÍDOS À SEPARAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES

Neste objetivo vamos identificar os principais motivos que desencadearam a separação para homens e mulheres. São inúmeras as razões que podem levar um casamento ao fim, os participantes trouxeram diversos motivos, no entanto iremos destacar o conteúdo que mais ficou evidente nas narrativas dos entrevistados. Segundo Porreca (2004) o fim do vínculo conjugal não é ocasionado por um único motivo, e sim um conjunto de motivos que contribuem gradativamente para esse fim. Os motivos mais evidentes produzidos pelos participantes como contribuintes para o término da relação conjugal são estes: Falta de confiança, situação financeira, falta de diálogo e objetivos diferentes.

4.3.1 Sentido atribuído à falta de confiança como motivo da separação

Esse motivo foi mencionado por três participantes, sendo todas elas do sexo feminino. Podemos visualizar o motivo na fala das entrevistadas: *[...] "O maior motivo foi à falta de confiança. A desconfiança e o vicio, isso que fez com que o meu casamento acabasse" [...]* ***(Elaine),*** *[...] "O que mais me influenciou na separação foi desconfiar que ele estivesse me traindo. Eu não confiava mais nele" [...]* ***(Ana)****, [...] "a falta de desconfiança foi o que levou a separar Se não fosse isso estaríamos juntos até hoje" [...]* ***(Beatriz.).*** Para a participante Elaine muitos motivos contribuíram para o desgaste emocional da relação conjugal, no entanto os principais motivos que desencadearam o fim conjugal estão diretamente relacionados à falta de confiança, no sentido de que seu marido a roubava dentro de sua própria casa para alimentar o vício

em drogas, no qual, o vicio seria o outro motivo mencionado por Elaine. Para ela a confiança é à base de um relacionamento e com o rompimento desta confiança o casamento não tem como perdurar. Já para Ana e Beatriz a falta de confiança estaria relacionada à infidelidade conjugal por parte do marido. No caso de ambas nenhuma infidelidade foi vista ou comprovada, mas a angustia e a incerteza frente aos atos dos companheiros a faziam acreditar na ocorrência de traição. Para Ana o fato de o marido não compartilhar mais as suas vivências, sempre inventar um motivo para sair de casa, não deixar que ela veja seu celular são sinais que indicavam, segundo ela, que algo estava errado. Esses episódios começaram a ser recorrentes o que gerou um desgaste emocional na relação entre os cônjuges e que para Ana teve uma grande contribuição no fim do casamento. Em relação à Beatriz a desconfiança existente na relação era tanta que para ela contribuiu para que seu marido desse um fim no casamento. Beatriz também nunca confirmou nenhuma de suas suspeitas em relação à infidelidade do marido, mesmo esse estando hoje após a separação com a pessoa que ela suspeitava que ele tivesse um caso, Beatriz tenda se convencer de que isso aconteceu somente após a ruptura conjugal. Segundo ela, a fidelidade tem muito importância dentro de um relacionamento seria uma quebra de contrato existente entre os dois. Esse motivo relatado pelas participantes atribuindo a desconfiança a um dos motivos da separação se aproxima ao que diz Matos (2000) segundo o autor à confiança é algo que une, que consolida a relação do casal, fazendo com que essa relação se mantenha. Com a quebra da confiança esse vínculo existente na relação pode se desfazer, gerando conseqüentemente a separação.

4.3.2. Sentido atribuído a objetivos diferentes como motivo da separação

Este motivo foi produzido por três participantes. Os objetivos diferentes mencionados pelos participantes se remetiam a idéias, interesses, desejos e projetos em comum. Para Ana objetivos diferentes relacionavam-se ao fato de eles não terem mais a afinidade e os interesses que tinham no início do casamento. De acordo com a fala de Ana os desejos e a personalidade de ambos eram diferentes. Isso fica mais evidente no relato de Ana: *[...] "A falta de confiança, da proximidade dos dois, da convivência, a falta de consideração por mim, os objetivos e pensamentos diferentes, éramos muito*

diferentes. Esses foram os motivos que levaram ao fim o casamento. ***(Ana)***. De acordo com o que mencionou Ana, muitos foram os motivos que fizeram com que seu casamento acabasse, entre eles esta o fato de ambos os cônjuges terem objetivos diferentes, desejos diferentes. Essas discrepâncias existentes na relação do casal foi ocasionando um desgaste na relação, o que por ventura contribuiu para que o vínculo conjugal acabasse. Já para a participante Elaine, objetivos diferentes esta relacionado ao fato de ela e o marido terem planos e desejos diferentes. Ela menciona que sempre tinha muita vontade de sair com seu marido, de passear, essa situação no início do casamento acontecia freqüentemente, com o tempo isso passou a não acontecer mais, seu marido passou a sair sozinho e segundo Elaine parecia nem se importar com a família que deixava em casa. De acordo com a sua fala, ela tinha anseio de crescer na vida, de adquirir uma casa, um carro, bens materiais e ele já não apresentava o mesmo desejo, visto que segundo ela, o que mais ele gostava de fazer era de receber seu salário e ir para o bar gastar com os amigos e com o vício, em consumo de drogas. Isso foi contribuindo para que seu casamento tivesse um fim. Pois enquanto ela trabalhava para manter a família e a casa ele perdia todo o seu dinheiro com o vicio, o que por ventura gerava uma certa irritação, pois segundo Elaine, ela era a única provedora financeira familiar. Podemos visualizar melhor esse motivo na fala da participante:

> [...] "A gente não saia mais junto, ele começou a sair na rua, nos bares, e isso eu comecei a ficar com raiva dele. Eu queria sair com ele junto. A gente tinha casamento da família para ir, ele começou a não querer ir mais comigo, antes ele sempre ia. [...], [...] "Aí teve problemas com vícios, então piorou mais ainda, ele gastava muito com vícios, eu que tinha que bancar as comidas, roupas, aluguel sozinha, sobrecarregou, me sentia muito sobrecarregada"[...], [...] "Com o salário dele e o meu, a gente poderia ter uma casa só nossa, a gente mora no terreno da mãe dele, mas na verdade é da mãe dele, não nosso. Poderíamos ter comprado uma casinha, um carro, mas isso foi por água a abaixo, porque dependia só do meu salário, o salário dele ele gastava com outras coisas, com os amigos, vícios, e isso foi me cansando, foi me desgastando. Sabe você querer crescer e a pessoa não te deixa crescer, porque tu não consegue."[...] **(Elaine)**

De acordo com Elaine os objetivos diferentes existentes no cotidiano do casal contribuíram e muito para o fim da relação. Outros motivos são mencionados por Elaine, a falta de companheirismo por parte do marido; a falta de consideração em relação a ela estar à noite inteira trabalhando e ele estar na rua gastando o seu salário com o vicio, gerando conseqüentemente uma sobrecarga financeira para ela; brigas freqüentes decorrentes dessa situação e a falta de parceria nos projetos do casal são

fatores constituintes da ruptura conjugal. Isso se aproxima do que autores como Kaslow e Schwartz (1995) encontram em suas pesquisas como aspectos motivacionais da separação. Segundo os autores a situação econômica, as brigas freqüentes, envolvimento de um dos parceiros com vícios são fatores que contribuem para um desgaste emocional no casamento tendendo a desencadear a separação do casal.

Para João objetivos diferentes atribuído a um dos motivos da separação esta relacionado ao fato de os cônjuges terem uma diferença considerável de idade. Com essa diferença ambos possuem desejos e planos conseqüentemente diferentes. Isso fica exposto na fala do participante:

> [...] "A minha mulher nunca tava satisfeita com nada, isso atrapalha muito. Se trabalhava muito, não tinha tempo para sair com ela e ela queria sair, dizia que queria aproveitar a vida, porque ela é muito nova, eu tenho 34 e ela 26. Ela diz que não curtiu a vida, então eu disse vai curtir. Essa diferença de idade atrapalhou também o relacionamento, por que eu já não queria mais sair queria curtir a família e a casa já ela queria curtir a noite e as amigas. Na minha família quando a pessoa casa a pessoa casa, passa aí a viver para a família e eu vivo assim, ela não aceitava que eu não queria sair na noite."[...], [...] "Muitas brigas, as discordâncias um do outro foram fazendo com que acabasse a união entre a gente."[...], [...] "As brigas eram quase todos os dias, por que a gente não queria fazer as mesmas coisas e a gente não conseguia conversar. Isso foi gerando um desgaste e fez com que o casamento acabasse, muito tempo casado, 12 anos é uma vida. Mas da minha parte não acabou o amor."[...] **(João)**

Segundo João a diferença de idade foi um fato importante na decorrência da separação, pois os objetivos diferentes existentes entre os dois para ele relacionavam-se a idade que cada um tinha. Essas discordâncias devido aos diferentes desejos ocasionavam brigas freqüentes fazendo com que o casamento acabasse mais não o amor de João pela sua mulher. De acordo com Reis (1992), o relacionamento conjugal tem de se basear em uma relação de troca, com existência da amizade e do companheirismo, onde os cônjuges assim possam construir e realizar projetos em comum e também compartilhar projetos individuais de cada um. Isso não ocorreu na relação de João e sua esposa, visto que ambos tinham diferentes projetos de vida, os dois tinham projetos individuais e não se propuseram a juntos compartilhá-los. Talvez a comunicação entre os dois não possibilitasse essa troca e compartilhamento.

4.3.3 Sentido atribuído a situação financeira como motivo da separação conjugal

Esse motivo foi mencionado por todos os homens e somente por uma mulher. Para Rafael a situação financeira como um dos motivos da separação se relaciona ao fato de que como ele e a mulher não tinham uma situação financeira favorável ao se casar tiveram que optar por residir junto à família dela, o que por ventura contribuiu nos conflitos conjugais. Outra questão que ele atribui à questão financeira é o stress, a responsabilidade e as cobranças por parte da mulher em relação aos pagamentos das contas, sendo que ele era o provedor familiar nessa situação. Vamos entender melhor essa construção de Rafael por meio do seu relato:

> [...] "O principal motivo que fez com que o meu casamento acabasse foi o financeiro e a falta de respeito. Nós casamos muito novos, o casamento não foi muito estruturado no início, eu não tinha casa, fomos morar junto com os familiares. Não tínhamos nossa própria casa, não tinha emprego estável, fixo bom, tudo isso contribuiu para levar ao fim o casamento." [...], [...] "O que destruiu mesmo o casamento foi o financeiro e a falta de respeito, porque é o que une o casal" [...],[...] " Da parte de lá tem que rever também, ou ela gasta menos ou se trabalha e junta os salários para poder cobrir as contas. Mas quando ela começou a trabalhar em vez de adquirir mais, gastava mais. Porque o salário dela era baixo, saia para trabalhar e em vez de ganhar mais parece que pagava para trabalhar"[...], [...] "Então eu falei para ela: fica em casa, cuida da nossa filha e da casa que é melhor, que isso é teu papel, porque trabalhar fora tava dando prejuízo,tava atrapalhando o relacionamento e não ajudando."[...], [...] "os motivos que mais influenciaram Financeiro e a falta de respeito. O financeiro trouxe a falta de respeito"[...], [...] "Aí sobrava tudo para eu pagar. Era um stress extremo "[...] **(Rafael)**

Para Rafael os motivos principais que contribuíram para ruptura conjugal foram a situação financeira e falta de respeito, que segundo ele é decorrente da situação financeira não favorável. Para ele as cobranças e responsabilidades diárias em relação a dinheiro foram fazendo com que seu casamento acabasse. Como ele era o único provedor familiar a sobrecarga financeira fez com o stress fizesse parte do seu cotidiano, visto que segundo Rafael, sua mulher também não contribuía para com isso, pois além das cobranças financeiras, tinha um gasto acima do permitido para aquela situação. Mas o que também ficou exposto na narrativa de Rafael foi o papel que atrela a sua mulher, o papel de cuidadora da casa, dos filhos e do marido. Isso se aproxima da cultura do patriarcado que foi mencionada por Soares (1999), segundo o autor essa

cultura dava poder ao sexo masculino, o poder mandar, decidir e controlar a vida das mulheres, e esses controles eram legitimados socialmente. Na situação vivenciada por Rafael e sua esposa isso ficou aparentemente visível, visto que ele que decidiu que ela não deveria trabalhar mais fora, pois estava dando ainda mais prejuízo financeiro, e assim decidiu que ela ficasse em casa, cuidasse da casa, do filho e atendesse aos desejos dele. No entanto com essa concepção de família patriarcal ele nunca iria estar satisfeito, pois contrapõe ao mesmo tempo o que ele relata, pois ele reclama que não está certo só ele trabalhar, que ou ela gasta mesmo ou trabalha para ajudar a pagar, essa situação se remeteria aos ideais contemporâneos vivenciados pela emancipação feminina onde homem mulher tem espaços igualitários perante a sociedade. Portanto Rafael faz uma junção de opostas vivências do poder patriarcal junto à simetria entre os sexos.

Para João a situação financeira insatisfatória contribuiu para agravar ainda mais outros conflitos já existentes na relação, portanto ele considera esse motivo como constituinte da separação. Podemos visualizar isso na narrativa de João:

> [...] "O dinheiro atrapalhou muito, se tu trabalhas demais, tais trabalhando muito, não tem tempo para sair com a gente. Se tu não trabalhas és mandrião, tem que pagar as contas de casa. A minha mulher nunca tava satisfeita com nada, isso atrapalha muito" [...], [...] "Eu que mantinha toda a casa, ela não trabalhava fora então eu chegava cansado e ela ainda reclamando que queria sair. Muitas brigas, as discordâncias um do outro foram fazendo com que acabasse a união entre a gente." [...], [...] "Ela falava que tava cansada dessa vida, que tinha casado muito nova. Acho também que a questão financeira atrapalhou bastante, porque daí dava para trabalhar menos e sair mais com ela, como ela queria" [...] **(João)**

Conforme João, se a situação financeira do casal fosse favorável talvez não existissem alguns conflitos, tais como o fato de ele trabalhar demais e não sair sempre com a mulher. Isso era uma cobrança freqüente dela para com ele, o que gerava stress. Ele estava sempre cansado pelo fato de ter trabalhado demais pela necessidade que tinha de manter a família, visto que João era o único provedor familiar. Essa situação era geradora de muitas brigas entre o casal e como essas discordâncias e desentendimentos eram freqüentes foi fazendo com que o casamento se desgastasse. As brigas freqüentes geralmente são consideradas um dos agravantes que contribuem para o fim do vínculo conjugal, isso foi comprovado nas pesquisas sobre separação de diversos autores como Kaslow e Schwartz (1995), Jablonski (1998), Abuchaim (2007) e Porreca (2004), para eles a falta de diálogo e as brigas freqüentes são fatores freqüentemente mencionados

pelos participantes como os motivos precursores do fim conjugal. Esse fato corrobora com a nossa pesquisa, visto que todos os participantes mencionam que brigas freqüentes foram um dos motivos que contribuíram para a separação. Podemos compreender melhor isso na fala de um dos nossos participantes:

> [...] "De início o casamento era bem dialogado, a gente conseguia conversar a respeito dos filhos e da casa Mas depois do segundo filho já ficou mais complicado. Complicado em relação à situação financeira, apertava aqui apertava ali, isso gerava desavença desentendimento, brigas todos os dias, isso foi deixando o casamento insuportável." [...] **(Pedro)**

Para Pedro as brigas freqüentes estavam relacionadas à falta de diálogo existente entre o casal e junto à situação financeira desfavorável esses episódios de desentendimentos se tornavam mais recorrentes, fazendo com que a união do casal se direcionasse para o fim.

4.3.4 Sentido atribuído a falta de diálogo como motivo da separação conjugal

A falta de diálogo na relação conjugal foi mencionada pelos seis participantes, todos fizeram uma relação com brigas freqüentes. Para eles o fato de não existir uma comunicação simétrica entre o casal as brigas se tornavam cada vez mais recorrentes. Podemos compreender melhor isso visualizando as narrativas de alguns participantes: *[...] "A minha mulher nunca tava satisfeita com nada, isso atrapalha muito. A gente conversava pouco, quando conversava era brigando. Muitas brigas, as discordâncias um do outro foram fazendo com que acabasse a união entre a gente." [...]* ***(João),*** *[...] "Quando a gente parou de dialogar a gente começou a brigar, com certeza alguma coisa aconteceu, não tinha mais dialogo. Na verdade eu ia conversar com ele, ele colocava a culpa em cima de mim, brigava comigo porque ele sabia que era ele que tava errado." [...]* ***(Ana)***

> *[...] "No final do casamento já não tinha mais dialogo, a gente só conversava brigando" [...], [...] "Então como não tinha diálogo com ela eu achei melhor sair tentar outra coisa" [...], [...] "E sem conversa não tem como manter um casamento" [...], [...] "Não ter mais diálogo entre eu e ela foi o motivo que mais influenciou, porque é muito difícil vocês conviver com*

> *uma pessoa que não conversa contigo, isso para mim não é casamento" [...]*
> ***(Pedro)***

De acordo com a fala desses participantes podemos perceber que a falta de comunicação entre os cônjuges foi um fator importante na decisão da separação e que sem a possibilidade de diálogo na relação, as brigas entre o casal tornavam-se recorrente. Isso corrobora com o que constataram Kaslow e Schwartz (1995) e Jablonski (1998) em suas pesquisas, conforme os autores a impossibilidade do diálogo em uma relação conjugal tende a contribuir para o desencadeamento do fim da união. Isso corrobora com o que Perlin e Diniz (2005) mencionam, para elas a maioria dos casais buscam em seus relacionamentos a possibilidade do diálogo, da confiança e do companheirismo, para enfrentar os obstáculos da vida conjugal. O diálogo é a possibilidade que o casal tem de mediar os conflitos conjugais, isso se aproxima da fala de Pedro, pois para ele a inexistência de comunicação entre o casal impossibilitou que a relação continuasse.

Foi possível verificar que a construção dos sentidos produzidos pelos participantes em relação aos motivos da separação está diretamente interligado ao sentido que eles construíram de casamento, visto que na construção que elaboraram de casamento já continha aspectos e vivências desses ideais não correspondidos em suas relações conjugais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Neste capítulo apresentaremos as conclusões mais importantes alcançadas no desenvolvimento desta pesquisa com o intuito de condensar os resultados obtidos fazendo a relação e a compreensão do objetivo proposto neste estudo. A coleta de dados para obtenção dos resultados mencionados nesse trabalho se realizou de maneira satisfatória, visto que não encontramos nenhum impedimento na realização das entrevistas com os participantes. Todos os sujeitos foram muito solícitos ao serem informados a respeito da realização da entrevista e sobre o tema do estudo. Nesta pesquisa buscamos como objetivo geral compreender os sentidos produzidos por pessoas que estão em processo de separação conjugal sobre os motivos da separação. Para compreendermos o sentido atribuído aos motivos, temos que identificar o significado do casamento e da separação para esses sujeitos, visto que estão diretamente relacionados. Portanto nos objetivos específicos identificamos a concepção de casamento, o significado da separação e os motivos da separação. Inicialmente pensamos em verificar se haveria diferença nos motivos e o tempo de união entre os casais, para isso, selecionamos casais com diferentes tempos de permanência juntos, um homem e uma mulher com até cinco anos de casados, um homem e uma mulher com até dez anos de união e um homem e uma mulher com mais de dez anos, sendo esses requerentes no serviço de Mediação Familiar. No entanto não foi possível verificar diferença nos sentidos mencionados pelos sujeitos que permaneceram mais tempo casados em relação aos demais.

A concepção inicial que originou esta pesquisa está no fato de que em distintas épocas diferentes motivos foram contatados como contribuintes do término conjugal. Esta modificação nos motivos esta atrelada ao contexto familiar, social e na história vivenciada por cada pessoa, visto que, o sentido que cada pessoa produz está entrelaçado com a realidade social presenciada por cada individuo. Portanto nesta pesquisa, objetivamos compreender esses sentidos na contemporaneidade.

Foi possível perceber com os resultados obtidos e a literatura já pesquisada que os motivos não tiveram modificações significativas em relação a pesquisas realizadas por Levinger em 1966 e Kitson e Sussman em 1982, na qual mencionamos no início deste trabalho. Questões como situação financeira, infidelidade, brigas freqüentes e falta de diálogo foram motivos ainda na contemporaneidade mencionados pelos

participantes. Lógico que transformações sociais e culturais aconteceram na sociedade, o que por ventura tenham modificado o valor atrelado a esses motivos.

Verificamos que por muitas vezes os entrevistados produziram sentidos semelhantes, isso demonstra a determinação do social na constituição singular do sujeito, o que nos mostra que um indivíduo inserido em uma determinada cultura tende a se apropriar de pensamentos, ações e ideais daquele grupo pertencente e assim os transmitindo nas gerações. Portando os significados produzidos pelos participantes nessa pesquisa estão relacionados com a história, a personalidade constituída e os aspectos biopsicossociais que constituem cada sujeito.

Os participantes mencionaram diversos motivos contribuintes da separação, no entanto os motivos mais evidentes foram os que compuseram a nossa análise de dados. Estes motivos expostos pelos sujeitos por muitas vezes estavam diretamente relacionados à expectativa que estes indivíduos apresentaram em relação à construção do sentido de casamento. Pode-se perceber no decorrer das entrevistas que os sentidos atribuídos a separação produzidos por cada um dos participantes se remete ao não cumprimento do que anteriormente eles idealizavam no casamento. Essa relação fica mais evidente ao enfatizarmos o sentido atribuído ao casamento, a separação e aos motivos para os participantes.

Na concepção de casamento muitos foram os sentidos atribuídos a essa união, mais pôde-se perceber uma maior evidência em alguns significados, como o de casamento baseado no diálogo que foi mencionado por todos os participantes. Essa construção fica mais evidenciada quando os entrevistados significam os motivos que levaram a separação, o diálogo mais uma vez apareceu nas práticas discursivas de todos os sujeitos. Isso nos mostra o quanto o ideal de casamento está interligado com os motivos que levam a separação. Outro significado atribuído ao casamento foi a indissolubilidade, que foi produzidos por todas as mulheres e somente por um dos homens. Podemos verificar a predominância do amor romântico, mesmo em tempos contemporâneos os ideais do casamento para sempre, com amor e fidelidade ainda predominam. Lembrando sempre, que o sentido produzido por cada um dos entrevistados esta relacionado ao meio, a cultura no qual estão inseridos. Tanto que na fala de uma participante isso fica exposto, ela menciona que foi educada para vivenciar o casamento uma única vez e para sempre. Nota-se aí a predominância da educação e da família no significado de casamento que a participante construiu. O outro sentido construído por três participantes se remete ao casamento com objetivos em comum, uma

união onde ambos os cônjuges devem ter planos, pensamentos e desejos em comum. Companheirismo e confiança foram outros sentidos atribuídos ao casamento, no entanto esses sentidos só foram produzidos pelas participantes do sexo feminino. É possível observar a partir dessas produções a diferença existente nos significados para os homens e para as mulheres, o que pode ser explicado pela educação, vivência e cultura no qual eles se constituíram. Casamento ligado a construção de família foi outro sentido exposto por três participantes, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. A participante mulher que significou casamento relacionado à construção familiar se remetia ao desejo do seu esposo de ter um filho e ela para realizar esse desejo o concedeu o que ele mais queria. De acordo com essa participante a construção de uma família faria com que seu casamento se tornasse indissolúvel. Então, pode-se perceber o significado de constituição de família atrelado ao casamento por parte principalmente dos homens.

Outro objetivo específico proposto nessa pesquisa foi identificar os sentidos atribuídos à separação para homens e mulheres. Assim como na concepção de casamento, muitos foram os significados produzidos, no entanto os mais evidentes é que utilizamos na nossa análise. Para os participantes a separação significou sofrimento assim como crescimento profissional e/ou pessoal. O sofrimento atribuído a separação foi mencionado por três participantes, eles se remetem a existência do amor pelo cônjuge ainda existente no momento da separação. Isso pelo fato de que os três participantes que significaram separação relacionada a sofrimento, não tomaram a decisão da ruptura conjugal essa foi decidida pelo outro cônjuge, eles somente oficializaram juridicamente a separação. Separação relacionada a crescimento pessoal e/ou profissional foi significado por todos os participantes. Crescimento pessoal no sentido de reconhecimento próprio, esse sentido foi produzido por cinco dos participantes. Três deles se remetiam a capacidade que perceberam ter de cuidar e educar seus filhos, essa construção foi mencionada por dois homens que possuem a guarda dos filhos e por uma participante mulher que percebeu a capacidade que tem de manter sozinha seu filho. Para os outros três participantes a separação significou crescimento pessoal junto a crescimento profissional, no sentido de conseguirem realizar seus objetivos singulares, para duas participantes do sexo feminino, a separação significou a realização de projetos individuais antes abandonados devido ao casamento. Para o outro participante a separação trouxe o crescimento profissional e fuga das responsabilidades familiares, possibilitando assim foco nos projetos profissionais.

O último objetivo específico elaborado nessa pesquisa foi identificar os motivos da separação para homens e mulheres. Muitos foram os sentidos produzidos acerca desses motivos, no entanto pode-se perceber que esses motivos apresentados pelos participantes estavam diretamente relacionados aos ideais apresentados na concepção de casamento. Isso significa que esses motivos são reflexos de ideais não concretizados transformados em frustrações na vida cotidiana desses casais. Um desses significados contribuintes da separação foi a falta de confiança, que foi mencionada por três participantes, sendo todas do sexo feminino. Os sentidos produzidos por elas estão relacionados para duas participantes como infidelidade conjugal e para a outra participante a falta de confiança remete ao fato de o cônjuge a roubar dentro da sua própria casa. A confiança foi um sentido atribuído na concepção de casamento para essas três mulheres e como dito anteriormente, esse sentido foi construído de acordo com a vivência, o contexto no qual elas estão inseridas, e nesse meio que elas pertencem, a confiança é algo importante em um relacionamento e a quebra desta significa o rompimento do contrato existente no relacionamento idealizado. O outro motivo mencionado pelos participantes como contribuinte do término conjugal foi a situação financeira, este sentido atrelado aos motivos foi produzido por todos os homens e somente por uma das mulheres. Para os homens a situação financeira desfavorável teve uma grande importância no desencadear da ruptura conjugal. Para um dos participantes esse motivo significou o início do conflito entre o casal, visto que a situação financeira ruim gerou conseqüentemente o desrespeito entre o casal, que para ele estes dois motivos foram os principais responsáveis pelo término da relação. Para os outros dois entrevistados a situação financeira desfavorável contribuía ainda mais para agravar outros problemas já existentes como a falta de diálogo para um dos participantes, e para o outro a dedicação excessiva ao trabalho deixando de lado lazeres tão priorizados pela companheira. Todos esses sujeitos se referem a sobrecarga de trabalho, pois todos esses homens eram provedores financeiros das suas famílias. A mulher que significou um dos motivos da separação como situação financeira, relaciona ao fato de ela manter sozinha a família, visto que o dinheiro que seu marido recebe ele gastava todo no seu vício. Podemos perceber a mudança de papéis da sociedade contemporânea, visto que todos os homens que significam a situação financeira como motivo da separação, justificam a sobrecarga de trabalho e a responsabilidade financeira designada somente a eles, já a mulher assumindo como provedora familiar também se sente sobrecarregada, pois segundo ela um casamento é para os dois dividir, tendo assim

que existir uma relação simétrica perante todos os papéis. Outro sentido produzido pelos participantes como um dos motivos contribuintes da separação foi ambos os cônjuges terem objetivos diferentes, isso se referindo a desejos, planos, projetos em comum diferentes. Esse sentido foi produzido por três participantes e todos eles mencionaram objetivos em comum como significado atribuído ao casamento, contudo a não concretização desse sentido no cotidiano do casamento fez com que os objetivos diferentes entre o casal se transformassem em um dos motivos que contribuíram para o fim do casamento. A falta de diálogo foi um dos motivos mencionados por todos participantes. Para eles a falta de diálogo entre o casal era responsável pelas brigas freqüentes que ocorriam. Todos anteriormente atribuíram a importância do diálogo na concepção de casamento, de acordo com o sentido produzido por eles o diálogo é fundamental para manutenção de uma relação à inexistência e a não simetria da comunicação faz com que a união tenha um fim. Essa importância do diálogo na relação foi construída de acordo com a história vivida por cada um dos participantes.

Essa ligação entre o casamento, a separação e os motivos ficou mais bem compreendida de acordo com a construção dos sentidos que cada participante produziu. Foi possível perceber o quanto o primeiro casamento foi idealizado por cada um dos sujeitos, e que os motivos que desencadearam o fim da relação estavam diretamente relacionados ao não cumprimento desses ideais tão preconizados na concepção construída de casamento.

É importante ressaltar que esses resultados foram obtidos através de entrevistas com seis pessoas e, portanto, não podem ser generalizados. Espera-se, no entanto, que o profissional mediador possa ampliar suas percepções acerca dos conflitos conjugais que levam a separação, e dessa forma aumente sua eficiência profissional compreendendo melhor o contexto no qual as partes encontram-se envolvidas, respeitando os ideais que cada um produz a respeito do casamento e conseqüentemente dos motivos que levam a ruptura conjugal. Espera-se que este estudo seja uma soma no conhecimento científico servindo como referencial para outras pesquisas a serem realizadas, principalmente no campo da mediação familiar e que abra o horizonte de novas pesquisas a serem desenvolvidas a partir desse tema, como compreender a construção dos sentidos a respeito do casamento no sistema familiar verificando nas gerações familiares os significados atribuídos a esta instituição.

E para finalizar esse trabalho que trouxe como resultados um significado de ideais não concretizados transformados em frustrações cotidianas, a fala de um dos

participantes: *"Eu achei que meu casamento iria ser igual ao de novela, mas não foi. Agora sei que não existe"* ***(João)***

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Keiserman. **O casamento em cena**: representações da conjugalidade em duas peças de teatro. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=18413. Acesso em: 24/08/09

ABUCHAIM, Ana Luiza Galvão; ABUCHAIM, Cláudio Moojen. **Divórcio e Separações Conjugais.** Porto Alegre. Jul. 2007. Disponível em: http://www.abcdocorposalutar.com.br/artigo.php?codArt=288#cau Acesso: 24/03/09

ANTON, Iara. **A escolha do cônjuge:** um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 1ª ed., 2000.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão.** Brasília, v. 22, n. 2, Junho, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414989320020002000 9&lng=pt&nr=is Acesso em 29/04/09

ÁVILA, Eliedite Mattos. **Mediação familiar:** formação de base**.** Florianópolis. Maio 2004. Disponível em: http://www.tj.sc.gov.br/institucional/mediacaofamiliar/apostila.pdf Acesso em 19/03/09

BAUMAN, Zigmunt. Amor líquido. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BERTOLLO, Milena; VIEIRA, Elaine Novaes; TRINDADE, Zeide Araújo; MILANI, Ana Paula da Silva; BRASIL, Julia Alves. **Casamento e trabalho: representações sociais para casais de dupla carreira.** In: Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.gosites.com.br/vjirs/adm_trabalhos_ver2.asp?arq=VJIRS_0269_0448.PDF &perm=com Acesso em: 23/06/09

BOZON, Michel. A **nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas.** Rio de Janeiro: Ed: FGV, 2004.

CACHAPUZ, Rozane da Rosa. **Mediação nos Conflitos & Direito de Família**. v.1 Ed: Juruá. Curitiba, 2005.

CAHALI, Yussef Said. **Divórcio e Separação**. 8° ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1995.

CAHALI, Yussef Said. **Divórcio e Separação**. V.1, 2. São Paulo: Editora: Parma, 1991

CARNAVARRO, Maria Cristina; RAMOS, Mariana Moura. Adaptação parental ao nascimento de um filho: comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. **Análise Psicológica.** Lisboa, v. 25, n.3, 2007. Disponível em**:** http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em 10/09/09

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar:** uma estrutura para terapia familiar. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

DIAS, Maria Berenice; PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Direito de Família e o Novo Código Civil.** 4ªed. Belo Horizonte, 2006

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento Contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psico. Reflex**. **Crit**., Porto alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso Acesso em 22/04/09

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo da dissolução da conjugalidade. **Estud. Psicol. (Natal),** Natal, v.8, n. 3, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18/05/09

FERREIRA, Verônica A. da Motta Cezar – Ferreira. **Família, Separação e Mediação: uma visão psicojurídica.** Ed: Método. São Paulo, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra:** etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. 2ª ed. Porto Alegre:UFRGS, 2004.

FONSECA, F.N.; NERY, L.B. **Ciúme: diferenças e semelhanças de gênero**. Brasília, 2005

GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIL. Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo. Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 1994

GIL. Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª ed. São Paulo. Atlas, 2002

GIUSTI, EDUARDO. **A Arte de Separar-se:** Um guia para uma separação sem traumas antes, durante e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOLDENBERG, Miriam. **Sobre a Invenção do Casal**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf Acesso em: 26/08/09

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Estatística do registro civil. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=RGC300 Acesso em: 24/03/09

KASLOW, Florence, Schwartz, Lita Linzer. **Dinâmicas Do Divórcio**. Ed. Psy. São Paulo, 1995.

JABLONSKI, Bernardo. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo.** 2ª ed. Rio de Janeiro, 1998

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARCONDES, Mariana Valença; TRIERWEILER, Michele e CRUZ, Roberto Moraes. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.26, n.1, p.94 -105. Março, 2006. Disponível em: http://cristianccss.wordpress.com/2007/10/15/sentimentos-predominantes-apos-o-termino-de-um-relacionamento-amoroso/ Acesso em 25/09/09

MATOS, Marlise. **Reinvenções do vínculo amoroso:** cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**.** Belo Horizonte: Ed:UFMG; Rio de Janeiro: UPERJ, 2000.

MORI, Maria Elisabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de Corpo e Alma. Aspectos biopsicossociais da meia- idade feminina. **Psicol. Refex. Crit**., Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php. Acesso em 21/05/09

MUSZKAT, Malvina; MUSZKAT, Susana; OLIVEIRA, Maria Coleta; UNBEHAUM, Sandra. **Mediação familiar transdisciplinar:** uma metodologia de trabalho em situações de conflitos de gênero**.** Ed: Summus. São Paulo, 2008.

NORGREN, Maria de Betânia, Paes.; SOUSA, Rosane Mantila; KASLOW, Flourence. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, n.3, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf Acesso em: 10/09/09

NOVO CÓDIGO CIVIL. Lei n° 10.406, de 10.01.2002 – DOU 1 de 11.01.2002. Disponível em: http://www.jucepa.pa.gov.br/downloads/docs/pdf/Novo_codigo_civil.pdf. Acesso em: 26/05/09

OLTRAMARI, Leandro Castro. **Representações sociais da AIDS, relações conjugais e confiança.** 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PECK, Judith S.; MANOCHERIAN, Jenifer R. O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, Betty, MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2ª ed., 1995.

PEDRONI, Ana Lúcia. **Dissolução do vínculo matrimonial**: (Des) necessidade da separação judicial ou de fato como requisito prévio para obtenção do divórcio no direito brasileiro. Ed: OAB/SC. Florianópolis, 2005

PERLIN, Giovana; DINIZ, Glaucia**.** Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clinica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 15/6/09

PIZZOLO, Amanda; TENFEN, Maria Nilda Ricken. **Manual do casamento:** do início ao fim. Ed: Unisul. Tubarão, 2004.

PORRECA, Wladimir. **Famílias recompostas:** casais católicos em segunda união. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.bvs-psi.org.br/. Acesso em: 05/04/09

REIS, Brendali. O amor a luz da psicologia científica. **Psicologia: Reflexão e Critica**, Porto Alegre, v.5, n. 2, 1992.

RICHARDSON, R.J**. Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999

RIZZARDO, Arnaldo. **Direito de Família.** Separação Judicial. v. 2. Ed: Aide. Rio de Janeiro, 1994.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**; Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2003.

SCHABBEL, Corinna. Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. **Psicologia teoria e prática**.v.7 n.1. São Paulo. Jun 2005. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100002&lng=es&nrm=is Acesso em 19/03/09

SILVA, S.V. Os estudos de gêneros no Brasil: algumas considerações**. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**. N° 262.Universidade de Barcelona, 2000.

SIMÕES, Paula Guimarães. **Telenovela e vida social:** a construção do ethos contemporâneo. v. 1; Minas Gerais. Julho, 2003 Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Simoes.pdf Acesso em: 23/07/09

SOARES, Barbara. **Mulheres Invisíveis**: Violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOARES, Orlando. **Direito de família: de acordo com o novo código civil**. Rio de Janeiro, 2004

SOUZA, Rosane Montilla. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04/05/09

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** Ed: Cortez, 3ª ed. São Paulo, 2004.

STREY, Marlene. Gênero In: STREY, Marlene N. (et.al.) **Psicologia Social Contemporânea:** livro texto. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998

TREVISAN, Ana. **"Não é tarde para se separar?": As representações sociais da separação conjugal para homens e mulheres na meia-idade.** Palhoça, 2007. Disponível em:http://inf.unisul.br/~psicologia/wpcontent/uploads/2008/07/AnaTrevisanTCCII20072.pdf. Acesso em: 18/05/09

VAINER, Ricardo. **Anatomia de um divórcio interminável:** o litígio como forma de vínculo. São Paulo, 1999.

WEID, Olivia Von Der. Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, 2004. Disponível em: http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/2olivia.pdf Acesso em 27/08/09

WINCK, Gustavo Espindola. **"Palavra de Pulso Firme":** A Coordenação de Grupos com Homens Acusados de Violência de Gênero Enquanto Agente Reflexivo e Transformador. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade. Porto Alegre, 2007. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=728 Acesso em: 26/08/09

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1)Gênero: F ( ) M ( )

2)Idade:

3)Escolaridade:

4)Profissão ou ocupação?

5)Estado Civil:

6)Tempo de convivência:

7)Tempo de separação:

8)Tem filhos desta união? Caso sim, qual a idade deles?

9) Você teve outro casamento antes desse?

10) Como você compreende a instituição do casamento?

11) Como era o seu casamento?

12) Quem teve a iniciativa perante a separação?

13) Quais os motivos que levaram ao fim o seu casamento?

14) Quais motivos você considera que seu esposo (a) atribui ao fim conjugal?

15) O que você acha que seu marido pensa a respeito desses motivos que levaram ao fim conjugal?

16) O que você sente hoje em relação a esse motivos?

17) Qual motivo mais influenciou você na separação? Por que?

18) O que você percebe que as pessoas pensam a respeito da separação?

19) Quais os significados da separação para você?

20) Qual a expectativa que você tem de um (a) novo parceiro (a) conjugal?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que participei, de livre e espontânea vontade, da pesquisa "SEPARAÇÃO: SENTIDOS CONSTRUÍDOS NO COTIDIANO SOBRE OS MOTIVOS QUE LEVAM AO FIM CONJUGAL", realizada pela graduanda do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Alyne Barcelos Darabas, sob orientação da Professora Msc. Deise Maria Nascimento.

Reconhecer e identificar os sentidos que as pessoas atribuem aos motivos desencadeadores da separação conjugal, é uma contribuição para o serviço de mediação familiar, pois é o conjunto de fatores que determinam a situação e o sentido que cada pessoa produz tem relação com o contexto e o meio no qual está inserida (SPINK, 2004, p.41). O mediador tendo uma compreensão dos sentidos construídos pelos sujeitos que estão em processo de separação acerca do término da relação conjugal, passa a ter possibilidade de compreender o contexto dessas partes envolvidas, possibilitando um melhor acolhimento do sofrimento de ambos, abordando através de um olhar mais profundo a culpa e a dor dos casais. Esta temática tem relevância científica, pois propõe a produzir conhecimentos que podem ser utilizados como aprofundamento por outros pesquisadores com interesse neste tema. Além do que, os resultados dessa pesquisa auxiliarão futuramente os profissionais atuantes em serviços de mediação com o reconhecimento da vivência desses casais que estão em processo de separação e os sentidos que essas pessoas atribuem aos motivos que levam a ruptura conjugal.

Estou ciente de que esta coleta de dados será realizada em concordância com os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo como fundamento as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n° 196, de 10 de outubro de 1996, e n° 251, de 07 de agosto de 1997, sendo que todos os envolvidos nesta pesquisa comprometem-se em manter o meu anonimato e a salvaguarda absoluta sobre todos os dados e informações que irei fornecer.

Minha participação neste projeto consistirá em participar de uma entrevista que durará aproximadamente 50 minutos. Nessa entrevista serão abordados temas referentes ao casamento e a separação conjugal. A entrevista será registrada em um gravador de áudio para facilitar futura transcrição, sendo que não sou obrigado (a) a responder a todas as perguntas e posso desistir a qualquer momento de participar da pesquisa. Sei que a entrevista será realizada no Fórum de São José, na sala do serviço de mediação familiar, em data e horário a serem acordadas conforme a minha disponibilidade. Estou

ciente de que os objetivos desse trabalho são compreender quais os sentidos produzidos por pessoas que estão em processo de separação conjugal sobre os motivos desencadeadores da separação, identificar os diferentes sentidos produzidos por homens e mulheres sobre os motivos desencadeadores da separação, verificar a predominância de gênero em relação à tomada de iniciativa perante a separação conjugal e relacionar os sentidos produzidos por pessoas em processo de separação sobre os motivos desencadeadores da separação e a duração da relação conjugal.

Estou ciente que não estão previstos desconfortos, riscos ou constrangimentos durante a realização da entrevista. Fui informado também que não preciso responder a todas as perguntas feitas. A pesquisadora prestará quaisquer esclarecimentos que eu julgar necessário antes, durante ou depois da realização da mesma. Por ser uma pesquisa de interesse exclusivo cientifico, a qual aceito participar espontaneamente, sei que posso desistir a qualquer momento, inclusive sem motivo nenhum, bastando, para tanto, que informe a graduanda Alyne Barcelos Darabas o meu não prosseguimento, através do telefone (48) 99891695. Por ser voluntário(a) e tratar-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, sei que não serei remunerado(a). Meus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a divulgação dos resultados terá como objetivos mostrar os possíveis benefícios advindos da pesquisa em questão, podendo ser utilizado em eventos e obras científicas. Estou ciente de que poderei solicitar informações durante qualquer fase da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma, e que será ofertada uma devolutiva após o fim dos trabalhos.

Eu,----------, RG n°----------,
tefefone n°----------, residente----------
----------,
consinto em participar voluntariamente da pesquisa realizada pela graduanda Alyne Barcelos Darabas

----------(SC), —/—/— ----------

Assinatura

Assinatura Pesquisadora

ANEXO

ANEXO A - UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL CONSENTIMENTO GRAVAÇÕES

Eu _____
permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

RG:: _____